



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

SALOMÃO INÁCIO CLEMENTE

**OS ANIMAIS, OS GUARDIÕES DA FLORESTA E A FESTA DA MOÇA NOVA:
NARRATIVAS SOBRE O POVO TICUNA**

Manaus - Amazonas

2022

SALOMÃO INÁCIO CLEMENTE

**OS ANIMAIS, OS GUARDIÕES DA FLORESTA E A FESTA DA MOÇA NOVA:
NARRATIVAS SOBRE O POVO TIKUNA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação em Antropologia Social, na Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do Título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira Filho

Manaus - Amazonas 2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C626a	<p>Clemente, Salomão Inácio</p> <p>Os animais, os guardiões da floresta e a festa da moça nova : Narrativas sobre o povo ticuna / Salomão Inácio Clemente . 2022 105 f.: il.; 31 cm.</p> <p>Orientador: João Pacheco de Oliveira Filho Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Ticuna. 2. moça nova. 3. ritual. 4. máscaras. 5. cosmologia. I. Oliveira Filho, João Pacheco de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	--

Dedico este trabalho aos meus pais, Santo Cruz Mariano Clemente e Madalena Mariano Inácio. E em memória do Pedro Joaquim que me ajudou a realizar este trabalho com seu conhecimento sobre a origem do povo Ticuna/Magiita e com os narrativas dos seres guardiões da floresta.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter iluminado o meu caminho, para que se realizassem os meus objetivos. Em segundo lugar agradeço a minha família pela contribuição durante a caminhada como acadêmico na realização deste trabalho e em especial também agradeço ao prof. Dr. João Pacheco de Oliveira Filho pela contribuição na organização do trabalho, que seus caminhos sejam iluminados com muitas vitórias e felicidades infinitas.

RESUMO

Este trabalho traz subsídios para pensar a relação entre os animais (“naẽĩgũ”), os personagens que chamamos de “guardiões da floresta” (“Guecutũgũ”) e a festa da moça nova (“worecũ”) segundo o ponto de vista nas narrativas e conhecimentos Ticuna. Para acessar o imaginário relativo aos animais baseei-me na coleção de tururís existente no Museu Nacional do Rio de Janeiro anteriormente ao incêndio de 2018, assim como em outros coletados em 2021 no projeto de reconstrução das coleções etnográficas do MN, tentando realizar uma leitura de seus significados a partir das imagens e conhecimentos dos Ticunas. As narrativas sobre os guardiões da floresta e sobre a festa da moça nova foram escutadas do ancião Pedro Hermenegildo Joaquim (“Boo’tacũ”), durante trabalho de campo realizado na Terra Indígena São Leopoldo em visitas intercaladas em 2020 e 2021. O material reunido deixa claro que não estamos falando do passado ou de uma cultura preservada apenas nos museus e livros, mas evidencia a relevância e significação da tradição para a compreensão da produção artesanal, dos rituais e da vida contemporânea dos Ticuna. Num esforço reflexivo e de contextualização recupero, respectivamente, o percurso espacial, religioso e mítico de meu principal interlocutor e de seu irmão, assim como descrevo a situação histórica vivenciada atualmente pelos indígenas Ticuna. Num movimento inicial apresento minha própria trajetória enquanto antropólogo indígena, condição que será determinante de minha etnografia e da minha escrita, indicando sua singularidade e procurando beneficiar-me das potencialidades aí contidas.

Palavra-chave: Ticuna, Festa da Moça Nova, Ritual de iniciação, Máscaras e cosmologia, Narrativas e saberes tradicionais, Identidade étnica.

IRAÃTCHI

Nhaã’ puracũ nuã nana nge’ cuãtchi na naguri inũũ i naẽĩgũ, nhema “nañecũgũnaidaugũũ” (“Guecutũgũ rũ naãcuanegũ”) rũ nhamatchi (“worecũtchiga”) nhema nagun taya õgũũ i orewa i nhumatchi Tikunaarũ cua’gũwagũ. Na nagutcharũ inũũmaã i naẽĩgũ rũ nagutchiũ i ngema nucũmaũũ i nhoẽgũ nema ãane ya tagucũã arũ ãane ya tatu’arũ taũpetchinũwa nhemane i nawa nucũmaũgũũpataũ ya ãpata ngeguma taũta nagunanhe’gu i 2018 gu, rũ ngema 2021 guguũta i puracũ i wenanaũũ i nutaquee’ puracũvaniũũ ucũmaũgũũpataũwa, rũ nacatchadau i tacũwanameĩ i natchicũnaãgũ e namatũgũ i Tikunagũ arũ cua’gũ nawanhemaũ. Oregũ i naãcuanegũtchiga i Guecutũgũ i nhumatchi worecũtchiga marũ nacatcha ghu’u yima oi’ ya inũ’ nũũngemacũ ya Pedro Hermenegildo Joaquim (“Boo’tacũ”), puracũ marũ tchã üũ’ ya maũyugũtchiũwa naãne’ ya Mapũnewa São Leopoldo nhema puracũ rũ inaya tchaãtchi 2020 i 2021 gu. Nhã puracũ r6u tama naguni dea’ nhema nucũma urũe’na nucũmaũgũũpataũgu nuũ i cua’gu i nhumatchi poperawaicatama wumatũũ, rũ nhema cua’rũ ina maũ i wũitchigu i Tikunagũwa i natũcumũguwa rũ Tikunagũtũcumũwa i nhumatchi norũ maũtchigũwa nhumaãnewa. õẽacũ tchanawũtchiga nhema oregũ i õwa nhemagũ’ũ i nacũmgũ nagutchidea’cũ i naẽneẽ, nhemanhaãcũ tchanawũ nhunhaãcũ ina maẽ nacũmagũwa i Tikunagũtũcumũwagũ. Norũ ũgũwa rũ tchana we’ tchorũ maũtchiga i ngutchiga na wũi maũyu natchigagũ arũ Wũtchigarũtchiũũ, nhemata we’ruũ naya ãũ i nhaã natchigagũ arũ Wugũ, nhemaca na nacatchadau nhema aicaã nhema nuã nũũ ya uũ.

Nawa ya wãnaũ i dea: Magũta, worecũtchiga, nacũma, toũgũ i utũgũũ, Natchiga i tatchiga tacũ i ãgũũ.

Resumen

Este trabajo trae subsidios para pensar la relación entre los animales (“na~e~igü”), los personajes que llamamos “guardianes del bosque” (“Gecutügü”) y la fiesta de la niña nueva (“worecü”) según el punto de vista en las narrativas y saberes Ticuna. Para acceder al imaginario relacionado con los animales, me basé en la colección de tururís existente en el Museo Nacional de Río de Janeiro antes del incendio de 2018, así como en otros recopilados en 2021 en el proyecto de reconstrucción de las colecciones etnográficas de el MN, tratando de realizar una lectura de sus significados a partir de las imágenes y saberes de los Tikunas. Las narraciones sobre los guardianes de la selva y sobre la fiesta de la niña nueva fueron escuchadas por el anciano Pedro Hermenegildo Joaquim (“Boo'tacü”), durante trabajos de campo realizados en la Tierra Indígena São Leopoldo en visitas intercaladas en 2020 y 2021. El material recopilado deja en claro que no estamos hablando del pasado o de una cultura conservada solo en museos y libros, sino que destaca la relevancia y significado de la tradición para comprender la producción artesanal, los rituales y la vida contemporánea de los Ticuna. En un esfuerzo reflexivo y contextualizador, recupero, respectivamente, el recorrido espacial, religioso y mítico de mi interlocutor principal y su hermano, así como describo la situación histórica que vive actualmente el pueblo indígena Ticuna. En un movimiento inicial, presento mi propia trayectoria como antropólogo indígena, condición que determinará mi etnografía y mi escritura, señalando su singularidad y buscando beneficiarse de las potencialidades en ella contenidas.

Palabra clave: Ticuna, Festa da Moça Nova, Ritual de iniciación, Máscaras y cosmología, Narrativas y saberes tradicionales, Identidad étnica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A MINHA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE TICUNA.....10

CAPÍTULO 1: CAPÍTULO 1: REVISITANDO (E REVISANDO) O MEU PRIMEIRO TRABALHO COM A TRADIÇÃO TICUNA... 41

CAPÍTULO 2: A ESQUISA..... 59

CAPÍTULO 3: O NARRADOR..... 72

CAPÍTULO 4: AS NARRATIVAS78

CAPÍTULO 5: A FESTA DA MOÇA NOVA COMO PROCESSO RITUAL 94

CAPÍTULO 6: A SITUAÇÃO HISTÓRICA ATUAL DOS TICUNAS 99

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 103

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS..... 113

INTRODUÇÃO

A MINHA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE TICUNA



Eu **Salomão Inácio Clemente**, filho de Santo Cruz Mariano Clemente e Dona Madalena Mariano Inácio, nascido em 09 de janeiro de 1990, na comunidade indígena Novo Porto Lima na Área de São Leopoldo no município de Benjamin Constant, Estado do Amazonas. O povo que pertenço é etnia Ticuna, sou do clã mutum, o meu nome em Ticuna é: “NUCÜRACÜ rü Daupawe’cü”, que significa “o rabo curto e bico vermelho de mutum”. Meu pai é de clã Mutum: PUCÜRACÜ (rabo brando de mutum)



Em Ticuna e minha mãe é de Saúva: MEPÜÜNA rü BAIPÜÜNA (o brilho de saúva)



Sou um dos dez filhos, o quarto a nascer, são sete homens e três mulheres. Minha família é muito ligada à tradicional gostam de realizar e organizar a festa da moça nova, Worecütchiga. A comunidade em que nasci era lugar de realização frequente de diferentes ritual. A população vive diariamente de caça e pesca, e na agricultura com a plantação de banana e macaxeira. Quando tinha 07 anos de idade, meu pai me matriculou numa escola indígena na comunidade que se localiza em uma área ribeirinha, a Escola Indígena de Novo Porto Lima, na Educação Infantil, com ensino diferenciado e colocando no conteúdo a importância da cultura indígena (o que difere da escola da cidade que se localiza na área urbana).



Momento da alfabetização

O meu primeiro professor foi o Santo Cruz Mariano Clemente, meu pai. Ele foi um grande orientador-professor, pois me alfabetizou na escola como professor, ao mesmo tempo me orientava como pai fora da escola. Desde então sempre fui ensinado com a orientação dos pais, conhecendo a grande importância da cultura indígena Ticuna e de outras demais etnias existentes no país. Lá nessa escola, na comunidade, estudei até a 4ª série. Na época não tinha essa noção de como é importante conhecer e estudar a língua portuguesa para poder me comunicar com outro grupo social que tem uma cultura diferente da nossa. E mesmo assim gostei do ensinamento na escola sobre a língua portuguesa, conhecendo as vogais e alfabetos. Mesmo sendo muito novo, com o ensinamento do professor-pai na escola me alfabetizei muito bem, onde aprendi a ler e escrever. Senti-me um aluno-aprendiz muito interessado querendo aprender tudo rapidamente. Gostava muito de fazer as tarefas e já buscava outras atividades após o término da atividade da escola. Era muito empolgante conhecer o ensinamento de língua portuguesa na escola.

Estrutura da escola

A escola onde iniciei o meu estudo é de madeira era só uma sala de espaço livre com um quadro para escrever. A cobertura não era de zinco mais de palha, as cadeira não eram de cadeira mais são de tronco de árvore. A maioria das materiais didática utilizados na sala de aulas são materiais retirados na floresta. As veze onde era escola é realizado a festa da moça nova. Todos os métodos tradicionais como fazer remo, flecha, arco, canoa para os meninos e para as meninas é ensinado como fazer cestaria, pacarás, redes, peneiras. Todas as práticas artesanais são ensinados na escola e faz parte de plano de ensino curricular. E também como escrever em língua Ticuna é bastante ensinado, como por exemplo escrever textos em língua Ticuna. A importância cultural tradicional Ticuna é ensinado na escola, a história de Yoi' e Ipi sempre era assunto na maioria dos tempo e também sobre a festa da moça nova.

Diferente dos meus irmãos gostava sempre ficar perto da floresta, perto dos rios, dos igarapés e lagos. Gostava muito de ouvir histórias antigas dos meus avôs.

Meu irmão mais velho Lauzer começou seu estudo na cidade de Benjamin Constant quando ele tinha apenas 07 anos de idade e lá ele cresceu, lá ele terminou ensino fundamental I e II e também lá ele terminou ensino médio. Mais a diante ele se alistou para ser soldado e passou na seleção e durante um ano ele serviu o exército brasileira. Durante um ano ele foi dispensado na base de exército brasileira no município Tabatinga. Ele fez a prova da UFAM de Benjamin Constant e foi aprovado no curso de Pedagogia, ele cursou o curso, estudou e concluiu, e tornou professor. Após de se tornar professor ele fez outro curso oferecido pela UEA o curso era Pedagogia Intercultural, ele cursou o curso e concluiu também, mais a diante ele fez a sua especialização em Psicopedagogia, gestão escolar e também estudou o curso de teologia. E assim ele tornou pedagogo na linha da educação de ensino. Atualmente ele é coordenador na escola indígena Novo Porto Lima e São Leopoldo II, e cacique da Comunidade. Ele faz parte do movimento indígena dos professores Ticuna no Alto Solimões. A trajetória do meu irmão mais velho é muito diferente do que a minha, ele não estudou o que estudei no meu ensino fundamental I e II, conhecimento sobre as histórias do povo Tikuna, as experiências sobre a floresta, caça, pesca, rios e lagos ele não tem, porque na sua infância ele estudou na cidade e cresceu lá. Eu cresci na comunidade é lá sou ensinado com vários métodos ritualística do povo Ticuna.



O segundo filho Magnum também o meu irmão, a trajetória dele é quase igual a minha ele iniciou o seu estudo na comunidade até 4ª série e também fui estudar na cidade de Benjamin Constant, na cidade ele terminou ensino fundamental II e ensino médio. Depois quando terminou o seu ensino médio ele fez vestibular de UEA e passou na prova para cursar o curso de Matemática ele cursou o curso de matemática durante quatro ano e meio e concluiu. E ele se tornou professor de matemática de ensino fundamental na comunidade Indígena Novo Porto Lima e professor de Ensino Médio na comunidade de São Leopoldo I. Durante o trabalho ele fez a sua especialização e se formou. Agora ele é professor especialista em Matemática. Então ele não seguiu o caminho de do que eu de estudar e pesquisar sobre a cultura tradicional do povo Ticuna. Segundo ele, deixou um pouco de lado o foco de conhecer os rituais Ticuna. Mais isso não significa que ele não valoriza e conhece a importância de ritual da Moça Nova e a importância da história de Yoi' e Ipi.



A terceira a minha irmã Silvania ela também estudou na comunidade até 4ª série e depois ela estudou em Benjamin Constant até concluir o ensino médio. Depois de concluir ensino médio dela ela estudo um curso técnico em Ortopedia e ela conseguiu concluir o curso. E depois de concluir o curso técnico ela ficou parada sem estudar e sem trabalhar até hoje agora.



O quarto filho eu Salomão, desde infância fui ensinado com conhecimentos do povo Ticuna, no ensino fundamental I é bastante ensinado pelos anciãos Ticuna o significado dos rituais e a importância da língua do povo e a importância cultural tradicional Ticuna. Até nos dias de hoje estou na luta de defender o povo Ticuna e mostrar que as nossas ciências tradicionais que usamos são importantes e tem a importância muito grande e por isso esse conhecimento está vivo até hoje.



O quinto é irmão Geovani, no seu ensino ele estudou na comunidade indígena Novo Porto Lima até 4ª série, e também foi estudar na cidade de Benjamin Constant, lá ele concluiu o ensino fundamental e ensino médio. Ele fez o vestibular da UFAM e conseguiu passar no processo da prova. O curso que ele cursou foi Biologia e Química e já está muito perto de colar o grau. Mais ele já está dando aula como professor de ensino fundamental II e ensino médio também. Em relação questões culturais ele também é um pouco distante disso, o foco dele é ensinar ciências biológica e química.



A sexta é a Sandrinha, ela também passou no mesmo processo de estudar até 4ª série na escola indígena e depois ela estudou na cidade de Benjamin Constant, lá ela

concluiu seu ensino fundamental e ensino médio. Depois ela fez a prova da UFAM e ela conseguiu passar no momento ela está quase concluindo o curso de ciência agrária na UFAM em Benjamin Constant.



A sétima é a Monique, ela iniciou seu estudo na comunidade indígena até 4ª série, depois ela foi estudar na cidade de Benjamin Constant, lá ela concluiu seu ensino fundamental II e ensino médio. Depois da conclusão ela fez o vestibular e conseguiu passar nas provas, e ela cursou o curso de Pedagogia na UFAM, no momento ela está

na fase de colar grau. E certamente ela vai trabalhar na escola como docente de crianças Ticuna na comunidade indígena.



O oitavo é o Santos, o Santos estudou na comunidade indígena desde series iniciais até concluir seu ensino fundamental II. Ele foi estudar na cidade de Benjamin Constant no ensino médio e lá ele concluiu o ensino médio. Depois de conclusão de ensino médio ele fez as provas da UFAM e passou no curso de Administração, no momento ele está quase colando o grau também. E também ele é secretário no museu Magüta em Benjamin Constant e ele fez parte também do momento indígena estudantil no Alto Rio Solimões.



O nono é o Sandro, Ele é adolescente de 15 anos, no momento está no 1º ano de ensino médio na comunidade Indígena São Leopoldo I. O ponto forte dele é desenhar arte Ticuna, ele ganha de mim nos desenhos eu não sou muito de desenhar bem mais ele sim desenha muito bem.



O décimo e último é o Sandimarck, o caçula da família, ele está estudando no ensino fundamental II na escola indígena Novo Porto Lima. O ponto forte dele é pescar e ajudar. Ele é um menino muito ativo na sua atividade escolar.



Momento do ensino fundamental

Já na 5ª série papai me matriculou na Escola Estadual Coronel Raimundo Cunha, na cidade de Benjamin Constant. Era uma “escola dos brancos”, como chamavam os indígenas, para mim isso era totalmente diferente. Uma outra realidade, estudar na escola em uma cidade onde a maioria não era indígenas, a forma de ensino era outra realidade do que quando estudava na escola indígena na comunidade. E os professores são todos não indígena. Durante os primeiros tempos na escola da cidade peguei muitos xingamentos dos meus colegas de aula. Todos me olhavam como se fosse alguém inferior a eles. Eu era único indígena Ticuna em uma turma de jovens e adolescentes na escola na cidade de Benjamin Constant. Mais tem alunos indígena estudando na escola mais na turma onde estava somente eu era único indígena na sala de aula. Quando me xingavam ficava bem quieto no meu lugar. Eu era menino muito quieto mesmo, pois não falava muito bem o português e até agora o meu Português não é muito boa. Chamavam-me de “Ticuna” e “menino do mato”, para eles isso significava que eu era alguém inferior a eles, não valia para nada. Mais eu não penso assim falava para mim mesmo sou Ticuna e essa pessoal quem sou, eu vivo e existo e porque ouvir esses meninos que não entendem quem eu sou, sempre pensava assim quando me xingavam.

Mesmo com todos esses xingamentos que tomei nunca pensei em desistir de estudar, só pensava em ir para frente e conhecer a realidade do mundo em geral. Mais tarde os outros alunos foram percebendo que eu aprendia mais rápido do que eles, e tenho essa força de não enfraquecer com os que os outros me falavam, o tempo fui passando, aí não me xingavam muito, começaram a me tratar como amigo deles. Na realização de trabalhos de aula, por exemplo de apresentar trabalhos eu sempre apresentei os trabalhos que os professores mandaram fazer, não tinha medo de errar, sempre enfrentei de tentar apresentar os trabalhos da maneira como entendi, não importava se estava errado ou não. Apresentar os trabalhos era motivação para mim. E essa força de vontade que os meus colegas não indígena perceberem e viram acontecer. As vezes até pedem ajuda de mim para fazer trabalhos com eles, e isso me deixava muito feliz.

Eu continuei indo mais para frente, querendo conhecer mais, os meus pensamentos começaram a fluir. Pensava como posso representar minha etnia como Ticuna e mostrar para os demais parentes Ticuna a importância da existência da nossa cultura.

A origem e criação de nosso povo nos estimula no sentido de defender a presença do povo Ticuna e o seu reconhecimento entre os brancos e na sociedade urbanizada. E assim enfrentei o ensino no ensino fundamental II e concluir com forças nos pensamentos e no físico também.

Momento no ensino médio

E com esse pensamento de valorizar e defender a cultura e etnia na cabeça terminei meu ensino fundamental. No ano seguinte me matriculei no Colégio Imaculada Conceição na cidade de Benjamin Constant para cursar o ensino médio. Já com um pouco de adaptação nos costumes da cidade, o meu ensino médio não foi tão estranho quanto quando cheguei pela primeira vez, quando estudei na escola estadual Coronel Raimundo Cunha. A forma como meus colegas da aula me travavam já era totalmente diferente, aí muitos queriam fazer tarefa comigo, porque tirava notas maiores do que se fizessem entre eles. Quando era trabalho em grupo quase todos me chamavam para que ficasse no grupo. Mas não tinha como ficar em todos os grupos, aí tinha que escolher um para desenvolver as atividades do trabalho. Fora da escola os colegas já me chamavam na casa deles para fazer as tarefas junto com eles. Para mim o ensino médio foi muito bem aproveitado. Tive diversos momentos de interesse e reflexão sobre diferentes disciplinas. As que mais me interessaram no ensino médio foram: Sociologia, Filosofia, História, Arte, Geografia e Biologia. Isso não quer dizer que as outras disciplinas não foram aproveitadas. Foram sim, mas foram as disciplinas citadas que me fizeram escolher o curso que me graduei mais para frente.

Essas disciplinas citadas trouxeram para mim a diversidade de informações necessárias a entender e me fazer pensar sobre a minha própria existência, de pensar quem sou eu, porque pertenço uma etnia indígena, a importância da cultura e a sua valorização. Esse foi um objetivo alcançado no ensino médio. Quando estava no meu último ano de ensino médio, me inscrevi no vestibular da UFAM, Campus de Benjamin

Constant, em 2010. Fui aprovado e chamado na primeira leva para me matricular no Instituto de Natureza e Cultura na Universidade Federal do Estado do Amazonas. Aí como ainda estava terminando o ensino médio a direção da escola me chamou e todos os professores fizeram uma prova comigo para receber meu Certificado e Histórico de ensino médio e fui aprovado e recebi o Certificado e Histórico, e em seguida me mandaram direto para UFAM.

Momento na Universidade

Me matricular na UFAM, no curso de Bacharelado em Antropologia, na área de ciências humanas. A escolha de cursar Antropologia, pois o único curso que me identifiquei, onde posso ser a voz do povo Ticuna que faço parte e onde também posso ser colaborador do povo Ticuna, isso é a razão da minha escolha de estudar a Antropologia. Tudo para mim aconteceu muito rapidamente e quando a aula começou na Universidade foi uma nova realidade para mim como indígena. Meus primeiros momentos foram um grande e enorme aprendizado e minha vida, como estudante indígena, era um mundo totalmente diferente do que era antes e de costume. Apesar de estar um pouco adaptado a vida na cidade, mesmo assim na universidade era tudo novo para mim, a estrutura em relação aos planos de aulas, as matérias, os planos pedagógicos. Tudo isso abriu uma nova visão e entendimento de fazer parte da comunidade acadêmica. Fazer planos e cumprir horários era um esforço e tanto. Com a demanda da universidade sofri muito, pois tinha que fazer e realizar atividades de acordo com o sistema da universidade.

Mais adiante e devagar me adaptei com ajuda e orientações dos professores e demais colegas e familiares, conseguir realizar e desenvolver meu conhecimento nos trabalhos e atividades que a universidade pede. Aos poucos fui me aperfeiçoando, adquiri conhecimentos necessários para pensar melhor e desenvolver costumes novos que me permitiriam receber e adquirir conhecimento da melhor forma possível. Então no momento em que estava pensando em uma tema de pesquisa para desenvolver no meu trabalho de conclusão de curso (TCC), ou Monografia para trabalho final e finalizar o curso, recebi uma proposta do Professor Mestre Rodrigo

Oliveira Braga Reis. Ele estava coordenando um projeto de iniciação científica (PIBIC), aí mostrou e falou do que se tratava. Logo de primeiro o tema da monografia – que antes eu estava em dúvida - não era mais uma dúvida. Passei a ter certeza do que queria desenvolver naquele momento que eu vi e li sobre isso. O tema da pesquisa era sobre Critérios de Indianidade e direitos territoriais no Brasil e no Peru.

Aí aceitei fazer parte do projeto de iniciação científica até chegar no final do curso e lá se tornou uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Me interessei bastante por desenvolver a questão de direitos indígenas, assunto de que faço parte que me faz motivar ainda mais, e escolhi essa linha de conhecimento para abrir um caminho e campo de estudo, e pesquisa. Para mim desenvolver o trabalho de pesquisar sobre o que tem a ver com os indígenas é muito apaixonante. Adoro muito mesmo fazer parte deste conhecimento e mostrar principalmente que somos diferentes. Mas isso não quer dizer que somos inferiores aos outros, mas sim que temos que nos aceitar mutuamente porque ocupamos o mesmo espaço no mundo em geral, pois a ideia de que o Brasil é habitado pelos indígenas no princípio e até hoje, pensar nesse trabalho de fortalecer essa ideia.

Então no primeiro momento na conclusão de curso trabalhei diretamente com as legislações brasileira, sendo o Estatuto do Índio, a Constituição de 1988, os órgãos indigenistas, SPI, FUNAI e Convenção 169, estes são os pontos cruciais a desenvolver meu trabalho acadêmico na UFAM. E no segundo momento do trabalho trabalhei com as leis peruanas, utilizei também a Convenção 169, o foco era mostrar as leis que regem os direitos territoriais em relação as comunidade indígena no Peru.

E por último no trabalho abordei teorias de vários autores, colocando em destaque os assuntos territoriais referindo as comunidades indígenas tanto no Brasil e no como também no Peru.

Apreendi bastante com este trabalho, me mostrou um novo mundo, passei a compreender várias questões não mais como naturais, mas sim como culturais e históricas. Foi um ensinamento muito importante para mim. Quando se fala de direitos temos que pensar muito porque certas ações podem causar uma grande destruição. No trabalho desenvolvi a questão de direitos territoriais, direitos que um grupo social, comunidade ou povo, tem em um espaço cultural que é preservado, não pode ter interferência de pessoas de fora. Está destinado somente a sobrevivência de um povo,

que coloca em prática uma forma de vida social e cultural, em um ambiente natural que pertence a este povo indígena. E por isso para mim o trabalho foi um passo positivo no caminho de buscar conhecimento e também por outro lado de poder doar conhecimentos para o meu povo. Com trabalhos que foram desenvolvidos na universidade, quando é questão de direito indígena eu penso em ser a voz do povo Ticuna. Depois da conclusão do curso de Antropologia fui mediador professor no ensino médio da turma de ensino com mediação tecnológico da SEDUC. Com professor trabalhei bastante na valorização da cultura indígena com meus alunos. Fazia atividade junto com eles, e aprendendo muito com eles também.



A imagem acima era eu e os alunos, era uma atividade da aula de valorizar e mostrar como eram o povo Ticuna no tempo de Yoi' e Ipi. Por causa dessas atividades que faço com os alunos, os pais dos alunos gostaram muito do meu modo de trabalhar com os alunos na escola. E a comunidade em geral sempre falaram positivamente em meu nome por causa do meu trabalho.



A imagem acima mostra a importância da cultura tradicional ticuna, a importância de escudo de proteção da moça nova feito com tecido Tururi, os guardiões da floresta, os seres sobrenaturais que vivem junto com o povo Ticuna. E também como eram os vestimentas do povo Ticuna no tempo de Yoi' e Ipi. E as moças novas. Essas atividades desenvolvidas junto com os alunos é eles se sentirem fortes e capazes de viver neste mundo vivendo com essa sociedade que odeia o povo indígena. Os alunos sempre adoram esse tipo realizar esse tipo de atividades com eles.

E a imagem abaixo mostra os guardião da floresta os seres sobrenaturais, espírito de pássaro coruja e pajé. Que significa através de pajé que os seres sobrenaturais em espíritos se comunica com o povo Ticuna, o Magütägü.



O meu estágio no Museu Nacional, no Rio de Janeiro



Convidado pelo antropólogo João Pacheco de Oliveira, que era professor do Museu Nacional e havia feito anteriormente muitas pesquisas sobre a cultura e a história do povo Ticuna, eu estagiei no SETOR DE ETNOLOGIA – DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA – DO MUSEU NACIONAL / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, entre 03/11/2014 e 19/12/2014.



O estudo desenvolveu atividades de pesquisa, identificação e classificação dos objetos Ticuna que compõem a coleção João Pacheco de Oliveira, curador do Setor de Etnografia e Etnologia. Tal coleção foi formada entre 1978 e 1981. Com a colaboração de minha colega Bianca França, também estagiária do SEE/MN, escrevi as narrativas relacionadas com os tururís existentes naquela coleção, o que se transformou em um catálogo digital da referida coleção.

Me senti muito comprometido com este trabalho, que demonstrou o meu interesse e potencial para seguir em uma formação na carreira na Antropologia.





Gostei bastante das atividades no estágio e de trabalhar com a minha colega Bianca no Setor de Etnologia e Etnografia (SEE). Ela e outros participantes do SEE me ensinaram muitas questões importantes sobre o trabalho com coleções em museus e na organização dos materiais artesanais Ticuna. Foi um trabalho que abracei com vontade de fazer mais atividades iguais a esta. E o pessoal que trabalha no setor me recebeu com braços abertos, eles conversavam muito comigo, faziam perguntas a mim em relação a língua e aos costumes indígenas, principalmente sobre os artefatos. Me senti muito contente trabalhando com materiais Ticuna e sendo igualmente um indígena Ticuna. Senti-me totalmente agradecido por ter a oportunidade de fazer parte do trabalho de organizar os materiais Ticuna junto com a minha colega Bianca e este trabalho me fez abrir novos caminhos e portas para desenvolver conhecimento. Agradeço também o pessoal do Setor de Etnografia e Etnologia e do Departamento de Antropologia no Museu Nacional, na Universidade Federal de Rio de Janeiro – UFRJ.

Com a orientação do professor João Pacheco de Oliveira, curador do setor, o trabalho seguiu muito bem e ele abriu nova linha de conhecimento para mim e me mostrou um novo mundo para estudo e pesquisa, mostrando as partes físicas do museu, as salas de diversos materiais de diferentes povos. O estágio foi bastante importante na minha formação, me estimulando a seguir em frente nos estudos, buscando mais informações e adquirindo conhecimento em atividades desenvolvidas na universidade e em museus.

Quando o Museu pegou fogo, eu fiquei muito triste, pois o conhecimento Ticuna que estão lá estão sendo queimados e destruídos pelo fogo.

Então pensei muito no trabalho que realizei no museu e quando vou estudar doutorado seria essa questão para desenvolver e continuar estudando colaborando com meu povo e com a comunidade acadêmica. Essa é minha proposta de trabalho como candidato a estudante de doutorado no PPGAS/UFAM, gostaria muito de seguir com este trabalho colaborando com o mundo acadêmica a universidade, contribuir com as teorias das ciências humanas e sociais.

Nos trabalhos desenvolvidos no curso de mestrado ainda tem muitas atividades a desenvolver, por isso estou me candidatando para ser aluno de doutorado e colaborar mais ainda com a universidade.

PPGAS-UFAM

Momento e motivo da escolha de estudar no PPGAS.

No Campus universitário/UFAM em Manaus

A minha escolha de fazer o curso de mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal do Amazonas – Manaus, pois porque quero trabalhar com meu povo, trabalhar em cima da origem do povo Ticuna, as narrativas sobre os rituais, ritual de passagem da moça nova Worecütchiga, com muitas mortes dos anciões da comunidades indígenas Ticuna, o meu foco é preservar os conhecimentos que os anciões tem. Esse é meu objetivo de escolher cursar o mestrado no PPGAS UFAM.

Como aluno Indígena que veio de longe, para chegar no capital Manaus tinha que sair da minha comunidade encarar uma vida completamente diferente do que é acostumado a fazer, da comunidade peguei barco para chegar no município de Benjamin Constant, de Benjamin peguei outro barco para município de Tabatinga onde fica o aeroporto de voo, de tabatinga fui direto para capital Manaus. Quando cheguei em Manaus tinha que achar um lugar para poder ficar e até que fiquei em um quarto na cidade, um lugar onde passei durante o período do estudo na UFAM.

No primeiro momento do curso sofri muito, como estudante sem recurso de bolsa, não tinha dinheiro para tirar cópias das apostilas das disciplinas em que estava estudando, alguns materiais de estudo foram emprestados dos colegas, era vida muito dura para mim, lugar extremamente bem quente as vezes nem posso respirar direito de tanto ar quente, a alimentação era complicada, alguns colegas da turma me davam um pouco de comida para poder sobreviver, e uns dias passava fome mesmo, passava dias sem comer.

E no segundo momento quando já estava como aluno bolsista, tudo aos poucos estavam melhorando, mas ainda a vida é dura porque na cidade de Manaus para um estudante se manter no seu estudo é somente com recurso, sem recurso nenhum estudante pode garantir a vida acadêmica.

Com a bolsa conseguia fazer as atividades do curso com um pouco de tranquilidade, a bolsa me ajudou em participar das atividades fora do curso, atividades extracurriculares o que o curso pede para os estudantes realizarem.

Como na cidade tudo era pago com dinheiro, com dinheiro da bolsa conseguir pagar também o aluguel, táxi para chegar na UFAM e retornar para o quarto onde dormi. Organizei muito os meus dias para poder dar o dinheiro da bolsa em um mês.

Tem dias e semanas até a bolsa não chegou em um mês porque as vezes os materiais de estudo eram muito, eram mais de um e eram caros, quando tem mais de material para comprar em um mês não dava para manter a alimentação no dia a dia.

No entanto a bolsa me ajudou muito a adquirir um conhecimento importante, durante o período de curso, me tornei outra pessoa diferente do que antes, mais experiente na vida. Para me deslocar para lugar de estudo distante tinha que usar o dinheiro da bolsa para ter uma boa nota das atividades desenvolvidos no curso.

No momento ainda não fiz a defesa do meu trabalho de dissertação do mestrado com a situação do que estamos passando com essa pandemia, a doença me pegou também e graças a Deus conseguir vencer a doença, essa doença me pegou três vezes, sofri muito com essa doença. E também o senhor que eu estava trabalhando fazendo entrevista chegou a falecer, o falecimento do seu Pedro também me quebrou muito no meu trabalho, pois esse senhor era um grande homem conhecedor dos rituais Ticuna e a origem do povo Ticuna, então assim enfrento as minhas dificuldade no meu trabalho em andamento no momento. Por causa da doença que ainda não fiz a minha defesa e também a comunidade onde estava fazendo a coleta de dados fechou as porta para tudo e com tudo essa situação o meu trabalho ficou no atraso mais já está encaminhando para conclusão no momento.

As vezes não repondo logo as orientação do professor João, pois porque enfrento um series de dificuldade em acesso à internet, aqui no município estamos enfrentando problema de falta de internet pra poder se comunicar pela rede de comunicação. Agradeço ao programa pela colaboração com meu estudo e vida acadêmica.

No momento minha proposta de pesquisa no doutorado vai ser sobre as narrativas de rituais do povo Ticuna “A festa da moça nova” e a importância da presença dos mascarados que se encontra no Museu Magüta.

O Projeto de pesquisa no mestrado aborda o ritual da moça nova entre os ticunas, trabalho que está em fase final para defesa. No desenvolvimento dessa pesquisa fui me interessando muito pelos objetos utilizados naquele ritual e de forma mais ampla gostaria de dar a continuidade ao trabalho no doutorado com uma análise da cultura material, contribuindo assim com meu povo em projetos culturais como o Museu Magüta. Como membro do povo Ticuna e colaborador das atividades no Museu Magüta na cidade de Benjamin Constant – Amazonas, pretendo muito levar em frente a colaboração com a universidade sobre as narrativas dos velhos conhecedores de rituais e através dessas narrativas mostrar a importância das máscaras que se encontra no Museu Magüta.

Pois Museu Magüta é campo de pesquisa onde podemos desenvolver uma ciência que está em fase de construção. Como colaborador do povo Ticuna com este trabalho, vou orientar o povo ticuna sobre a importância das narrativas de rituais dos anciãos de cada diferente comunidade ticuna. E mostrar que as peças armazenadas no Museu Magüta são objetos importantes, e cada um tem a sua história e significados, assim como mostrar que também essas peças são utilizadas nos rituais no dias de hoje. O armazenamento das peças de rituais no Museu Magüta não significa que o povo ticuna não praticam mais os rituais como antigamente. A presença dos objetos de rituais no museu significa que os rituais estão vivos, e os objetos como máscaras estão sendo utilizados no momento de cada festa da moça nova.

CAPÍTULO 1: REVISITANDO (E REVISANDO) O MEU PRIMEIRO TRABALHO COM A TRADIÇÃO TICUNA

CATÁLOGO DIGITAL SOBRE DESENHOS NOS TURURÍS TICUNAS

TURURI

O QUE É TURURÍ? Tururí é um tecido retirado na casca de árvore cuúba, em Ticuna é Nhõẽ. O povo Tikuna retira o tecido na casca de árvore quando chega no dia da invocações dos espíritos da floresta. Quando o pajé dê a autorização da retirada de tecido de tururi os escolhido já sabem que tem que tirar os tecidos, o pajé sempre acompanha os homens que fazem a retirada de tururi. Quando o tecido é retirado na casca de árvore é lavado com a água limpa e depois é secado no sol, quando já fica seco é pintado com tintas naturais com pinturas de animais de diferentes significados. Todos os significados de desenhos no tururi tem a importância no ritual da moça nova que o povo Ticuna realiza no nascimento de uma menina. Então o tururi é material importante para o povo Ticuna.



Tururi com desenhos (morcego, peixe, arara). Artesão: Pancho Jagurú. De Belém (lado católico). Nação Arara. Feito para venda(N.C.23) – Ticuna / Alto Solimões. Coletor: João Pacheco de Oliveira – Coleta : fev/1981.

Estes desenhos no tururi contam uma história entre morcegos, aves e peixes. O morcego, nas histórias Ticuna de antigamente com nome NGËTACA em Ticuna o bicho da noite, é um animal muito ruim e temido pelo povo Ticuna, que ameaçava comer todos o povo Ticuna. Os velhos contam que tem uma época que o morcego comia muitas crianças Ticuna. Elas desapareciam de noite, sem que seus pais soubessem para onde as crianças foram ou levadas. Em um certo dia um dos pais daquelas crianças desaparecidas resolveu investigar por conta própria o que teria acontecido com as crianças. Ele fez uma emboscada para o bicho da noite NGËTACA, de noite alta, já de madrugada, ele fingiu que estava dormindo. De repente ele ouviu algo voando em redor de onde as crianças estavam. Pois na época a casa do povo Ticuna era tudo aberto e livre, por isso o bicho aproveitava a pegar as crianças de noite. Assim que o bicho tentou pegar uma criança, o homem apareceu e atirou uma flecha sobre o bicho. Era um morcego enorme, que podia comer todas as crianças de uma família Ticuna, até acabar com todos.

Todos ficaram sabendo a parti desse momento, e também o que tinha acontecido com as crianças desaparecidos e a partir daí os pais das crianças desaparecidos estavam sabendo o que pegou as crianças era esse bicho da noite, era o morcego enorme o NGËTACA, é um animal considerado

muito temido pelo povo Ticuna, diferente dos peixes, a imagem de peixe no tururi significa a alimentação dos povo Ticuna. E também a imagem de ave significa alimentação e plantação de frutas, porque plantação de frutas? Quando ave come caroço de fruta, por exemplo quando come o caroço de açaí o animal vai levando o caroço para outro lugar, onde o caroço cai la vai crescer um pé de açaí e outros animais também servem como alimento para os Ticuna menos o morcego. Para matar esse bicho NGËTACA os Ticuna se reuniram em um certo dia, prepararam os flechas e zarabatana, e os venenos. Quando chega de noite o bicho NGËTACA sai da doca e se prepara para caçar crianças para se alimentar nesse momento quando está fora da doca os Ticuna aproveitaram de atirar os flecha com os venenos e zarabatana, e o bicho NGËTACA gritou e falou onde vou me enterrar será no lama de Ewaré, em Ticuna ngetata tchagü tcha taü rü morua'pü gutaniĩ. Com dor o bicho voou e caiu na lama de Ewaré. Alguns semana se passou, um pai desses crianças desaparecidos decidiu olhar onde estava caído o bicho da noite NGËTACA, quando ele chegou perto ele pensou, agora vou cortar um pedaço de carne desse bicho que está devendo muito para nós, ele cortou um pedaço de carne do bicho da noite NGËTACA e levou para casa. Quando ele chegou em casa ele falou este é a carne do bicho que comeu nossas crianças agora vamos comer a carne dele. Ele fez o fogo assou e chamou o filho e a mulher e comeram. Os outros Ticuna faram para ele não comam o carne desse bicho é muito perigoso, mais ele não ouviu os outros e comeu com a família. Quando comeram a carne do bicho, alguns minutos se passou aquele comeu o carne do bicho saíram vários morcego no corpo e morreram. Esses morcegos que saíram no corpos dessas pessoas são morcegos que se ver agora na região onde essa família morou. Esse é a história dos desenhos e significados desenhados no tururi.



Tururi com desenhos (flores, ave e macaco) Artesão: Pancho Jagurú. De Belém (lado católico). Nação Arara. Feito para venda (N.C.24) – Ticuna / Alto Solimões. Coletor: João Pacheco de Oliveira – Coleta: fev/1981.

Flores, ave e macaco na história Ticuna tem um significado positivo, significam harmonia, prosperidade e conquista. Cada um desse animal tem sua função na terra. O macaco tem sua função de proteger as flores, quando um macaco ver um inseto perto de uma flor o macaco mata o inseto, se um inseto ficar em uma flor, a flor vai murchar e morrer porque o inseto vai deixar a praga em uma flor. O macaco é animal cuidador das flores e as aves tem a sua função de florescer bem as plantas, e também o ave, pássaro come os insetos que ficam em algumas flores, também é animal protetora. E as flores por sua vez tem a função de florescer a terra, para ter mais vida. Esse é o significado dos desenhos no tururi acima para o povo Ticuna.



Tururi c/ desenhos (Jacaré e Peixe) Artesão: Pancho Jagurú. De Belém (lado católico). Nação Arara. Feito para venda (N.C.25) – Ticuna / Alto Solimões. Coletor: João Pacheco de Oliveira – Coleta : fev/1981.

Nas histórias antigas o jacaré era um animal protetor de peixes. Quem pegava peixe no rio ou no igarapé, o jacaré comia, e assim os peixes se multiplicavam com mais facilidade porque o jacaré os protegia o tempo todo. E os velhos dizem que esse jacaré não era um animal comum, ele tinha o poder de se transformar em outros animais, como cobra e boto, ou até em pessoas. Diz à história que o jacaré se transformava em pessoa nas noites de luar, só para apreciar as estrelas e pensar no seu trabalho na terra. Na origem do povo Ticuna o jacaré teve a sua presença importante, quando a onça comeu o Ngutapa pai de Yoi' e Ipi, na boca de um jacaré enorme que Yoi' empurrou a onça para matar e depois retirar todos a carne do pai na barriga da onça. E assim reviveu o seu pai Ngutapa. Nos tempos de hoje jacaré é importante, servi de alimento para os Ticuna também. E é protetor de lagos, onde não tem cobra grande tem jacaré protegendo o lago. Esse é significado da imagem de jacaré no Tururi.



Tururi c/ desenhos (Aves, tartaruga, cobra) Artesão: Pancho Jagurú. De Belém (lado católico). Nação Arara. Feito para venda (N.C.26) – Ticuna / Alto Solimões. Coletor: João Pacheco de Oliveira – Coleta : fev/1981.

Estes imagens conta uma época bem distante onde os animais, como aves, tartaruga e cobra, e outros animais se reúnem para uma longa festa. A festa dos animais era muito sagrado, quando chega esse período do ano, ninguém podia caçar e pescar, porque era muito perigoso, quem pesca nessa época não vai volta para contar a história, pois vai ser comido por jacaré ou cobra grande. Na caça também vai ser comido por onça, vai perder no mato ou comido pela cobra terrestre. Era a chamada reunião dos animais em Ticuna U'TÜANETCHIGA'. Várias animais como aves se juntavam com as tartarugas e as cobras e entres todos animais existente na floresta para fazer uma festa U'TÜANETCHIGA'. U'TÜANETCHIGA' significa tempo sagrado. Então as imagens no tururi tem essa significação e representa também a época de longa jornada dos animais na terra para cuidar da florestas, igarapés, rios e lagos.



Tururi c/ desenhos (Ave e bicho preguiça) Artesão: Pancho Jagurú. De Belém (lado católico). Nação Arara. Feito para venda (N.C.27) – Ticuna / Alto Solimões. Coletor: João Pacheco de Oliveira – Coleta : fev/1981.

Nas histórias antigas dos Ticuna ave e preguiça representam a luz e a escuridão. Antigamente a terra ficava na escuridão porque a preguiça tem um poder de escurecer a terra e também para dormir todo tempo. Nenhum outro animal era capaz de resolver a situação. Aí às aves se reuniram, batendo asas perto do bicho preguiça e de repente o céu e a terra se iluminaram, aparecendo o sol. Deste então as aves representam a luz e o bicho preguiça a escuridão. Na história de Yoi' e Ipi deuses do povo Ticuna o bicho preguiça em Ticuna Woë é o bicho que segurou o galho de sumaumeira em Ticuna Wo'ne. Quando a arvore sumaumeira cresceu o preguiça que segurou o céu e cobriu o mundo e o mundo ficou na escuridão. Então a imagem de preguiça no tururi tem significação de escuridão e ave a esperança e luz.



Tururi c/ desenhos (borboleta e ave) Artesão: Pancho Jagurú. De Belém (lado católico). Nação Arara. Feito para venda (N.C.28) – Ticuna / Alto Solimões. Coletor: João Pacheco de Oliveira – Coleta : fev/1981.

Tem uma história que os velhos contam que reunia a borboleta e a ave. Antigamente a borboleta era um homem. Era um homem mensageiro, que se transformava em borboleta porque tinha que informar a todos os animais os acontecimentos sucedidos na terra. Ele viajava em redor do mundo, em todos os lugares, sempre para informar. Enquanto ele viajava, as aves iluminavam o seu caminho, para que nada de mal acontecesse a ele. Em todas as suas viagens ele pedia para as aves iluminarem o seu caminho. Por isso, nos dias de hoje, quando se vê uma borboleta, sempre tem novidades nos dias seguintes. Porque borboleta representa informação e novidades, e também a esperança. A significação de borboleta e ave no tururi é isso para o povo Ticuna.



Tururi (preto, verde, amarelo e rosa) (Peixe – pacu e arara). Artesão: Jorge Ricardo Moreno. De Belém (lado católico). (N.C.31) – Ticuna / Alto Solimões. Coletor: João Pacheco de Oliveira – Coleta : fev/1981.

Este desenho no Tururi tem o significado de ajudar o outro. A arara é um ave que ajuda os outros animais. Por exemplo, às vezes, a arara fica comendo os insetos e frutas que ficam em uma árvore na beira de igarapé ou lago. Aí o peixe pacu aproveita para comer tudo o que arara botava para baixo, e se alimentar bem com os insetos e frutas. Assim arara ajuda o peixe pacu a comer bem como ela. Não somente a arara que ajuda os peixes mais também os outros aves tem essa função de colaborar com os outros animais. Para o povo Ticuna arara significa nação ou clã e também a fertilidade feminina e coleta de fruta.



Tururi (Arara e pombo) Artesão: Jorge Ricardo Moreno. De Belém (lado católico) (N.C.32) – Ticuna / Alto Solimões. Coletor: João Pacheco de Oliveira – Coleta : fev/1981.

Estes desenhos arara e pombo representam um trabalho de equipe. O pombo é uma ave que gosta de plantar. Ele plantava todos os tipos de frutas em redor da terra. A arara ajudava a trazer para o pombo a fruta que encontra para o pombo plantar. Por isso que os velhos dizem que tem vários diferenciados de frutas que se encontra nas florestas porque pombo e arara fizeram isso juntas. E também o pombo é ave que avisa o perigo ou noticia triste, quando o povo Ticuna ouvi o canto de pombo já sabem que algo ruim vai acontecer ou vão receber notícia ruim. Morte de familiares ou alguém está muito doente.



Tururi (Cobra e pombo) Artesão: Jorge Ricardo Moreno. De Belém (lado católico) (N.C.33) – Ticuna / Alto Solimões. Coletor: João Pacheco de Oliveira – Coleta : fev/1981.

Este desenho representa a enganação. A cobra é um animal traiçoeiro ele ameaça outro animal para comer seus ovos. Por exemplo, cobra ameaça matar o pombo, mas se o pombo tem ovos a cobra troca sua presa pelos ovos de pombo. Aí o pombo, com medo, para não morrer, permitia a cobra comer todos seus ovos. Ave e cobra nas narrativas dos conhecedores de história significa aviso também. O povo Ticuna já sabem onde tem muitos aves ao redor onde pesca e caça ele não segue em frente. Pois é sinal e perigo, na pesca é sinal de cobra grande. Na caça é sinal de onça por perto ou cobra. Então a imagem no tururi significa essas informação descritas.



Tururi (Arara e pombo do mato) Artesão: Jorge Ricardo Moreno. De Belém (lado católico) (N.C.34) – Ticuna / Alto Solimões. Coletor: João Pacheco de Oliveira – Coleta : fev/1981.

Este desenho no tururi representa que a arara na floresta tem a função de avisar os outros animais quando os caçadores estão próximos. E o pombo, por sua vez, é encarregado de silenciar as demais aves para que os caçadores não as vejam. Um caçador Ticuna quando ver um pombo passando na sua frente, significa que tem algo de perigo na sua frente, e o caçador não segue em frente pois já está avisado que tem um perigo na sua frente.



Tururi (preto, verde, laranja, vermelho - bichos: maracajá, jabuti, jiboia, arraia, coró, cachimbo e um ramo de flor rosa. Artesão: José Mariano. Idade: 22 anos. Nação: Mutum. – Ticuna / Alto Solimões. Coletor: João Pacheco de Oliveira – Coleta : fev/1981.

Este desenhos no Tururi representam o mundo inteiro, representa a terra, a floresta, os animais, peixes e aves. Em geral é um escudo de proteção em Ticuna NATCHINE', em ritual da moça nova, é no escudo de proteção que a moça nova sempre é carregado para sua proteção e ter a vida longa. Todos podem conviver com outro e aceitar da maneira como eles são. E também está imagem representa que os animais de diferentes espécies têm um papel importante na terra. Acabar com uma dessas espécies, seria o mesmo que acabar com uma parte da terra. Então essas imagem tem essa significação para o povo Ticuna.



Este desenho no Tururi conta a história de surgimento da Lua. Antigamente de noite somente as estrelas eram encarregadas de iluminar o céu de noite. Mas elas não davam conta de iluminar todo o céu, de noite tudo continuava muito escuro. Em uma família Ticuna tinha um casal que tinha dois filhos, uma menina e outro menino. Eles estavam na fase de adolescência. Um dia o menino se apaixonou pela sua irmã. Toda noite ele tentava deitar com sua irmã, mais ela não deixava e não sabia quem era que vinha toda noite para deitar com ela. Em uma noite ela preparou jenipapo para descobrir quem era o rapaz que vinha de noite. Quando ele tentou deitar com ela, ela pegou a massa de jenipapo e botou na cara dele.

Ele correu rapidamente. De manhã ela olhou a cara de todos os rapazes que passava na frente dela e nada de alguém com cara pintada de jenipapo. Depois ela soube que seu irmão sumiu. Ela desconfiou deste sumiço, até ficou de noite e nada de seu irmão voltar. Seu irmão com vergonha não quer ser descoberto e correu como um raio. Ao chegar à meia noite ele subiu em

uma luz brilhante no céu e ficou transformado em lua. Isso para não ser descoberto que era ele que tentava deitar com sua irmã. Por isso hoje a gente vê uma mancha em algumas parte da lua. É a mancha de jenipapo. No início de tudo isso, a lua era um menino que tem os poderes sobrenatural. Quando pesca sempre chegava com peixe grande e quando caça sempre chegava com animais para alimentação da família. Ele sabia de uma planta que fortifica o dente. E mastigava a folha desse planta, Wotcha. E seu dente ficam brilhante com essa folha de planta Wotcha. Por causa disso o menino Lua nunca riu para ninguém ver seus dente brilhante. Em um certo dia quando eles estão comendo junto a sua irmã viu seus dentes brilhantes e por causa disso a irmã de Lua sempre perseguia o seu irmão quando ele fui caçar. A sua irmã perseguia ele porque ela quer descobri sobre a planta que deixa os dentes brilhantes, mais o seu irmão Lua sempre desviava o caminho para a sua irmã não descobrir a planta. Ate que um dia o Lua não percebeu a sua irmã e ele pegou uma folha desse planta WOTCHA e ele ficou mastigando. Aí que a sua irmã descobriu sobre a planta e pegou, colocou na boca e mastigou e passou alguns tempo e a moça se viu no rio igarapé Ewaré que seus dentes ficaram brilhantes. Em certo dia também quando estavam comendo junto a irmã do Lua sorriu sem querer e o Lua viu os dentes da irmã brilhando e assim ele se apaixonou pela sua irmã.



Fonte: Foto tirado em 2021 por Salomão Inácio Clemente, material de tururi feito por Ertinaz Irineu da Silva da comunidade indígena de Umariaçu, município de Tabatinha – rio Alto Solimões – Amazonas.

Mascarado de tururi retirado no casca de pal existente na floresta amazônica, é um vestimenta usado no ritual da moça nova, representa o pajé que entende sobre os insetos. A duração de fazer

esse vestimenta é de um mês. Tinta usada para pintar é tinta de folha de açaí, urucum açafraão e jenipapo. Yu' ucü tchamü. Esta imagem de tururi significa a ligação do mundo espiritual do povo Ticuna com a natureza dos animais da floresta.



Fonte: Foto tirado em 2021 por Salomão Inácio Clemente, material de tururi feito por Ertinaz Irineu da Silva da comunidade indígena de Umariçu, município de Tabatinha – rio Alto Solimões – Amazonas.

Escudo de proteção que representa o mundo e as animais amazônica, de tururi material retirado no casca de arvore, é usado na ritual da moça nova nela a moça nova é carregado no último dia

do ritual. A duração de fazer esse escudo é de 3 mês. Tinta usada para pintar é tinta de folha de açaí, urucum açafrao e jenipapo. Natchine' em Ticuna. Então essa imagem representa o mundo, o sol, a lua, a floresta, os rios, os lagos e igarapés, a cobra grande e peixes são vários significações por isso é importante para o povo Ticuna.

Então esse é o Tururi do povo Ticuna com imagens e desenhos de diferentes significados e importâncias para nós Ticuna. O tururi não é somente um simples tecido de árvore e depois com desenhos nela. O tururi é conhecimento Ticuna onde estão arquivado a história do povo e informação sobre a conexão com o mundo natural e sobrenatural. Somente alguns escolhido podem entender o seu significados. O povo Ticuna escolheu o tururi para arquivar o conhecimento dos anciões que já foram para que os escolhidos decifrar o significado no tempos de hoje.

CAPÍTULO 2: A PESQUISA



Esta pesquisa tem como ponto crucial abordar a questão da valorização da cultura tradicional e da identidade Ticuna através de uma prática ritual. Trata assim das personagens, máscaras e significados que aparecem no ritual da moça nova enquanto seres vivos e protagonistas de mitos, narrativas e ações sociais. Trata-se de um trabalho etnográfico, resultante de entrevistas com um ancião Ticuna, grande conhecedor da tradição deste povo, que já foi o organizador de muitas “festas da moça nova”, como é chamado em português o ritual de iniciação feminino, chamado de “worecütchiũ - worecütchiga”, em nossa língua.

Embora sendo eu um indígena Ticuna, vou também procurar dialogar com alguns autores importantes na Antropologia, que foram lidos durante disciplinas que acompanhei durante o meu curso de mestrado no PPGAS-UFAM e que me fornecem uma orientação inicial de pesquisa.

À medida que o trabalho de campo for avançando, e eu possa acumular mais relatos e experiências sobre o ritual da moça nova, espero que possa incorporar melhor os textos de

diferentes linhas de antropólogos sobre este assunto, sobretudo dialogando com nos estudos realizados por alguns etnógrafos não indígenas, como Curt Nimuendaju, Roberto Cardoso de Oliveira e João Pacheco de Oliveira.

O que consegui já neste texto identificar e começar a desenvolver é que o estudo dos dos “mascarados” que aparecem no ritual da moça nova Ticuna nos leva diretamente a pensar a importância de desenvolver uma abordagem etnográfica dos guardiões da floresta que surgem no ritual. Isso exigiu a colaboração ativa dos antigos Ticuna, os velhos sábios, que lutaram e defenderam a terra e o direito do povo, e que nos momentos atuais estão colaborando para manter vivos os conhecimentos do seu povo e a sua cultura tradicional.

A pesquisa é uma iniciativa de pensar sobre quem são os mascarados que surgem no ritual da moça Ticuna, qual a sua importância para as famílias e comunidades. As máscaras não são um simples objeto de risos, hilaridade e confusão, elas apontam para conhecimentos, sentimentos e um mundo de histórias de personagens que por meio do ritual nos permitem compreender de onde veio o povo Ticuna, como surgiram algumas de suas características básicas, e como eles pensam a sua relação com a natureza e os seres que nela existem.

A prática atual do ritual permite ter uma compreensão muito clara de por que os indígenas tem a sua diferença face aos outros índios e aos brancos. Os indígenas Ticuna nas suas aldeias desenvolvem a sua própria forma de viver, costumes próprios, crença, religião, língua.

As festas de moça nova, assim como os personagens, objetos, músicas e performances, são fonte de uma ciência e sabedoria desenvolvida fora das escolas e dos livros, transmitidas pelos mais velhos e que representam um conhecimento tradicional do seu povo. É isso que eu, como antropólogo Ticuna, posso tomar como um caminho, perguntando, escutando, traduzindo para o português, registrando e debatendo com os mais velhos as suas explicações e conhecimentos. Em suma, procurando fazer uma Antropologia que contribua para o avanço do conhecimento sobre os Ticunas e que seja útil ao nosso povo.



A imagem acima é tirado por mim, em uma reunião geral dos professores de Alto rio Solimões, durante a minha caminha sempre participei das luta das lideranças Ticuna. Onde fui debatido muitas situações do povo Ticuna. A educação indígena, a saúde e direitos territoriais e direitos como indígena brasileira. Como pesquisador sempre é preciso ouvir os opiniões de diferentes lideranças Ticuna de diferentes lugares. Assunto principal sempre é manter a cultura tradicional e fazer a realização da festa da moça nova.



Durante a coleta de dados de trabalho sempre participo de reuniões, e assim sempre novo visão sobre a valorização da cultura tradicional.



Foto mostrando a participação na reunião geral das organizações existente no Alto rio Solimões e associações.



Participação na assembleia geral dos Lideranças Indígenas do povo Ticuna.



Durante a reunião que participo sempre converso com os anciãos em alguns momento.



Participação na reunião das organizações Ticuna e organizações.



Participação na correção do Livro Torü Duüğü.









CAPÍTULO 3: O NARRADOR

O NARRADOR E SUA HISTÓRIA



Pedro Hermegildo Joaquim nasceu em 1946 na ilha de Towaru, na região de Alto Solimões, do povo Ticuna. O seu clã (que os Ticunas traduzem para o português como “nação” e que em sua língua se expressa pelo sufixo c:u) era o da Onça (aic:u), o nome dado pelo seus pais era Yauëïcü (que significa aquele que pega a sua presa). A ilha atualmente não mais existe devido a correnteza de rio Solimões, que a foi progressivamente acabando. Essa área pertencia a Terra Indígena Feijoal.

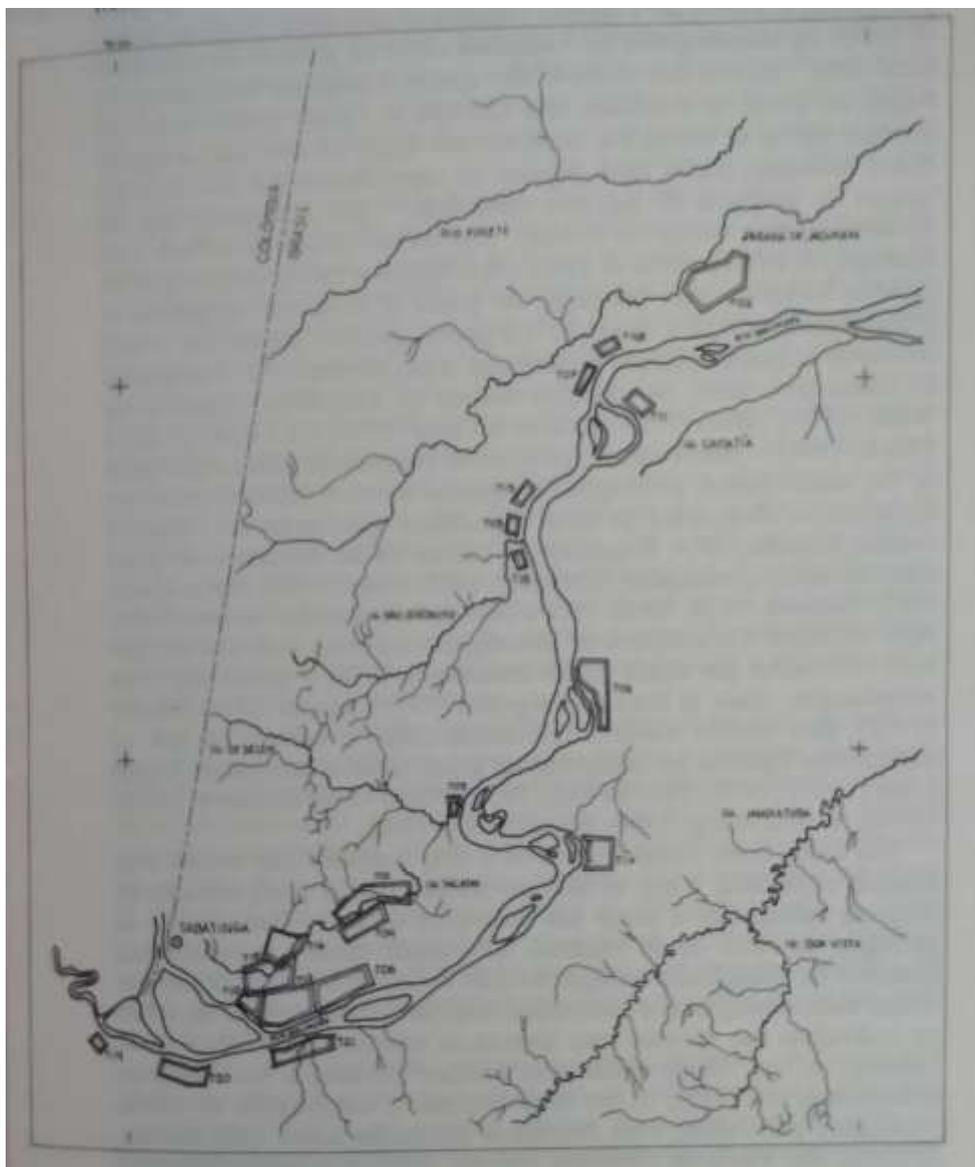
Lá ele morou por dez anos, filho de Manoel Joaquim clã de onça e Sebastiana Hermenegildo clã de mutum, ambos os pais são Ticuna. A primeira mudança de lugar, mais tarde, foi para a aldeia atualmente chamada Tacana, onde seu pai trabalhou junto com ele na retirada de látex da árvore de seringa. Moraram no Tacana aproximadamente três anos. De lá foram para aldeia de Umariçu, onde moraram por dois anos. Ali faleceu a dona Sebastiana Hermenegildo, a mãe de Pedro. Depois disso Pedro e seu pai voltaram para a comunidade de Tacana, onde o senhor Manoel Joaquim se casou novamente. Pedro seguiu seu pai trabalhando novamente na retirada de látex de árvore seringa. Ali ficaram por mais tempo.

Depois seu Pedro foi morar na ilha de Guariba com as tias, lugar que fica no outro lado do Rio Solimões, onde atualmente se localiza Guanabara III. Ficou aproximadamente cinco anos na ilha. De ilha de Guariba mudou para comunidade Lauro Sodré onde morou mais de 10 anos. De Lauro Sodré se mudou para ilha do Cleto com os tios e as tias. Essa ilha fica no outro lado da comunidade Novo Oriente, junto com os tios e tias moraram seis anos, la construíram casa e trabalharam na roça para a sobrevivência.

Na ilha do Cleto aconteceu outra morte, faleceu seu bisavô, e por causa disso seu Pedro saiu da ilha e foi morar no lugar chamada Marajá, atualmente parte da Terra Indígena São Leopoldo. Neste lugar era muito forte na época a religião de Santa Cruz. Assim que seu Pedro chegou no lugar em Maraja recebeu notícia do falecimento do irmão José. Pouco tempo morou lá e depois saiu para a comunidade indígena Novo Porto Lima, onde mora até hoje.

O seu Pedro se aventurou, além desses lugares citados acima, em Belém de Solimões e Vendaval (Terra Indígena Eware I), no local conhecido pelos Ticuna como Tunetü (nome recebido porque foi ali que foi derrubada a árvore Samaumeira, que nas narrativas Tikuna durante muito tempo encobria o sol e fazia com que só houvesse a noite). Nessas viagens ele veio a saber sobre a história do povo Magüta, pescado por Yoi e Ipi, da samaumeira e de muitas coisas mais. O seu Pedro era alguém curioso e foi procurar a verdade da história perguntando aos mais velhos e pajés (de Belém e de Vendaval), que melhor conheciam a história do povo Tikuna. Em outras localidades diziam que as pessoas de igarapé de Belém eram muito bravas e que até matavam os estranhos.

No igarapé de Belém do Solimões o seu Pedro presenciou a festa da moça nova, onde viu os mascarados. As máscaras usadas na festa eram muito bem feitas, e ele pensou “agora que vou saber mais ainda sobre essa história que os velhos e pajés me contaram”.



Fonte:

Foto retirado no livro “O NOSSO GOVERNO”: Os Ticuna e o Regime Tutelar, De Oliveira Filho-João Pacheco, pg. 67, 1987. O foto mostra o circulação onde o seu Pedro morou.

A ENTRADA DO SEU PEDRO NA RELIGIÃO CRUZADA

Quando seu Pedro chegou na terra indígena São Leopoldo ele se deparou com a religião da cruzada, e ele observou e viu que as orientações que lá tem é seguir o caminho da vida para vida eterna. E falava de Jesus Cristo e Deus, e seu Pedro pensou na história de YOI' e suas últimas palavras ante de se distanciar dos Ticuna, o "YOI' falou assim, cada um de vocês vão saber quando estarei entre vocês, o retorno será a entrada na vida eterna do povo Magüta.

Então a sua entrada na religião Cruzada é acreditar na mensagem de Yoi', a sua crença é acreditar nos espíritos sobrenaturais, de acreditar que o povo Ticuna tem grande conexão com vida da floresta, em espírito os guardião sempre entram em contato com ele.

Os espíritos dos animais falavam com ele. Na religião cruzada ele se tornou porteiro da igreja a pessoa que toca sino na igreja ante da entrada e no evangelho ele pregava a religião santa cruz. Segundo ele fazer parte da irmandade santa cruz é ficar perto de Yoi', acreditar nas palavras escritas no bíblia para ele é seguir o próprio Yoi' em espírito.

No entanto as pessoas que estão na frente da igreja santa cruz na época não pensavam como o seu Pedro, o pensamento deles em relação a conexão com os espíritos sobrenaturais era muito diferente do que é do seu Pedro, para eles o Yoi' já era outra coisa fora da religião santa cruz, mas o seu Pedro sempre respeitou essas pessoas que fazem parte da religião santa cruz e também os que não fazem parte da irmandade. Quando era realizado a festa da moça nova os membro da igreja santa cruz não participavam muito da festa, até eles rejeitavam um pouco desse ritual de passagem da moça Ticuna. Mais o seu Pedro sempre participou do ritual e é conhecedor da passagem da moça nova. Segundo ele está presente no ritual da moça nova é ficar em paz com os espíritos da floresta, pois isso que o Deus Yoi' quer para todos os Ticuna. Tocar tamborim e no ritual segundo ele é vida longa, isso ele acredita com maior forte em espírito. Assim como ele toca tambor na igreja santa cruz é mesmo sentimento ele tem de conectar com Yoi'.

Esse é o pensamento de seu Pedro e crença que seguiu e acredita até a sua morte, de corpo e alma ele acreditava que só assim o Ticuna pode viver em paz com a natureza animais e humana, não tem outro jeito de conhecer o mundo que ninguém ainda vive, o mundo sagrada onde não tem doença e nem morte. Então o seu Pedro ficou muito feliz de trabalhar com ele, as vezes ele fica emocionado pois alguém tem interesse de conhecer a realidade do povo, ele adora contar histórias, porque o que ele conta segundo ele não são histórias falsas são reais, como era o antigamente ele contava diante de várias pessoas da sua casa. Segundo ele o seu Pedro aquele que vive com realidade não pode temer as críticas de qualquer natureza pois o Deus Yoi' escolheu para contar a realidade do povo Ticuna. Como ele era membro da igreja Canta Cruz os outros membros criticavam sempre ele por causa das histórias e a pratica de ritual, mais ele nunca deixou de praticar os métodos tradicional do antigo povo Ticuna. Como ele o seu Pedro fala tchama nĩi norũ ngerũ i ore ya tanatũ ya Yoyocũ (Yoi'), sou aquele que leva a palavra do nosso Deus Yoi' não á o que temer.

No entanto esse como de amar a tradição cultural Ticuna do seu Pedro me deixou muito feliz no primeiro momento quando soube que é conhecedor da origem do povo Ticuna é também me direcionou a realizar este trabalho. Ele ficou feliz sobre meu interesse de realizar a trabalhar com ele, conversar com ele e entrevistar. Ante do falecimento dele quando já estava doente, fui visitar ele e me falou que tinha muitos assuntos para conversar sobre o trabalho. Era sobre o povo encantada, o povo de Ngutapa pai de Yo'i e Ipi. O povo encantada é povo de Ngutapa. Uma temática que irei trabalhar também no doutorado, e um dos proposta meu para trabalhar.

História do Tio do Pedro Joaquim – O pajé que vive no mundo espiritual

Homem chamado Etu' i'e', O tio de Pedro Joaquim, ele era um homem bom que curava as pessoas quando alguém adocece. Para ele se tornar um pajé que curava de verdade ele estudou um ano aprendendo como curar as pessoas. Para que ele aprenda como curar as pessoas doentes ou amaldiçoados, ele entrou em meditação durante um ano sem fazer contato com as familiares, a meditação era para se conectar com mundo espiritual, transformar seu corpo como se fosse um portal para os espíritos protetores da floresta. Quando seu corpo estava quase pronta ele testou a sua habilidade de cura nas pessoas doentes. A sua forma ritualística de cura era bem diferente, ele levanta a sua mão sobre as sem tocá-la. Manda a pessoa ficar perto dele um dia, depois disso ele liberava a pessoa doente ir para sua casa. Dois dias depois a pessoa retornava já curado para pagar ele mais ele sempre falava não precisa pagar ele porque não ele que a curou mais sim médicos espirituais que abita em seu corpo. Mais mesmo assim a pessoa gratificava ele com alguma coisa, como farinha, banana, peixes e outros alimentos.

O Etu com um ano de estudo no mundo dos espíritos ele era um aluno escolhido e conseguiu a sua transformação, a sua transformação é gavião real “Yauru” em Ticuna. Todo o seu corpo se transformava em gavião gigante e depois voltava a sua forma natural.

Um dia ele recebeu um doente na sua casa, mais o doente não era doente de verdade era um homem que tem inveja dele porque curava os doentes sem pedir nada em troca, esse homem fingido de doente fez um emboscada para Etu tentaram matar mais ele já estava sabendo pois os espíritos falavam para ele. Tentaram flechar mais ele se transformou em gavião voou e desapareceu no céu.

Pela última vez ele foi vista aparecendo na frente do seu filho na sua roça, e ele disse ao seu filho nunca esqueça quem você é, mandou seu filho fazer festa da moça nova e seguir esse ordem, de manterá tradição viva. Ele em seguida ele desapareceu e nunca mais apareceu para ninguém.

CAPÍTULO 4: AS NARRATIVAS

A NARRATIVA SOBRE COMO SURGIRAM OS MASCARADOS (GUECUTÜGÜ)

Guecutügü, o povo da montanha, vive embaixo da terra. Essa história começou na época de Yoi' e Ipi, quando eles estavam preparando a festa da moça nova. Era para a Toe'na, sobrinha do Yoi', filha da irmã do Yoi'. Ela é filha do Gutapa com a sua primeira mulher, antes assim de Mapana', que era a segunda mulher de Gutapa. Para a festa acontecer Yoi' convidou todos as pessoas e os seres da floresta, convidou também os Guecutügü, o povo da montanha.

Quando a festa da moça nova Toe'na começou, o último povo a chegar era o povo da montanha. Eles vinham cantando e tocando os tambores, todos que estavam na festa ouviram a batida dos tambores e os cânticos deles. Era a coisa mais bonita de ouvir e as pessoas pararam de tocar para ouvir os cânticos dos Guecutügü, porque era muito lindo ouvir.

Com isso a Toe'na ficou muito curiosa e saiu do curral para ver quem eram os que estavam trazendo esses cânticos tão lindos. Ela subiu numa árvore e viu. Eram bichos de todos os tipos, ela gritou assustada. Aí os bichos a pegaram e levaram, estriparam, cortaram e abriram a barriga da Toe'na no igarapé Eware. Estes bichos eram O'MA, o pai do vento e outros. Então o igarapé Eware ficou tudo ensanguentado, a Toe'na morreu naquele lugar matada pelos bichos. Ficou só a pele dela. Yoi' não estava sabendo disso, que a Toe'na já estava morta. Para Yoi' não perceber, os bichos encheram a pele dela com cipó. Quando chegaram na festa junto com a Toe'na, que era só a pele, os bichos com os poderes que tinham, sopraram para que a pele dela ficasse viva como se nada tivesse acontecido.

Quando ela se aproximou porém Yoi' já sabia que a Toe'na tinha morrido. A festa prosseguiu. Quando passou da meia noite Yoi' liberou todos os convidados, exceto os Guecutügü. em eles perceberem que na festa só estavam eles, Yoi' queimou a todos para vingar a sobrinha Toe'na. Restou somente o pó dos Guecutügü. Aí Yoi' juntou todo este pó dos bichos e soprou. Lá estava a Toe'na em pé, viva como antes graças a Yoi'.

A NARRATIVA DE TCHÜRÜNE' (MÃE DA FESTA)

Tudo começou com GUEË' (homem jovem), que gostava de mexer nas coisas da encontrava no caminho dos caçadores. Um todo o pessoal da aldeia foi para uma festa de moça nova, porque receberam convite de quem está realizando a festa. Era um lugar distante. No meio

da viagem GUEË' fez uma coisa muito desagradável e perigosa. Sem pensar nas consequências ele matou um Yare', um filho do povo da montanha. Depois ele demorou a alcançar o povo que estava indo para festa, e que haviam ficado esperando por ele. GUEË' demorou muito porque ele estava com medo do burrice que fizera.

Com paciência as pessoas esperaram até ele chegar. Os mais velhos porém já perceberam que alguma coisa de ruim estava para acontecer e perguntaram a GUEË'. Ele confessou que tinha matado um filho de Yare'. Nesse momento o dia já estava chegando ao fim, os mais velhos e pajés falaram logo para todos se prepararem porque os bichos que perderam seu filho iriam se vingar. A noite chegou com chuva e vento forte, raios por todo o lado. Ai os bichos chegaram de tudo quanto é lado! Para se proteger os pajés se transformaram em pedras, algumas pessoas conseguiram subir nas árvores mais altas e conseguiram sobreviver.

Os bichos massacraram o povo uma noite inteira e quando o dia chegou foram todos embora para baixo da montanha. Os que estavam no alto das árvores viram os bichos de todo tamanho a aparência, alguns com aparência de macaco, que subiram nas árvores onde as pessoas estavam e ainda mataram muitos que estavam escondidos. Os que sobreviveram levaram a notícia para o pessoal que estava realizando a festa da moça nova, de que os convidados não iam mais chegar na festa porque foram atacados pelos bichos da montanha e mortos. O dono da festa falou para todos sobre o ocorrido triste com o povo convidado, todo isso por causa do GUEË'. Esperaram a festa terminar e marcaram para se reunir depois de um ano, para fazer guerra contra o povo da montanha, os Guecutügü.

Os convidados foram aconselhados a plantar pimenta forte durante um ano e ajuntar breu branco. Passou um ano, as pimentas cresceram e o povo reuniu breu branco suficiente para fazer fogo. Estavam prontos para ir para guerra contra o povo da montanha que massacrara seus irmãos e irmãs no meio da viagem para festa na moça nova.

Foram na montanha onde estão os Yare'gü, então fizeram um grande fogo que não se apaga. Quando os bichos saiam da porta da montanha eles jogavam mais breu branco no fogo e aumentava a fogueira para fechar a porta da montanha. Os pajés sopraram a fumaça do fogo dentro da montanha para bichos para os bichos morrerem, eles começaram a morrer intoxicados na fumaça misturada com pimenta que entrou embaixo da montanha.

Com isso os bichos Guecutügü começaram a sair da porta da montanha, primeiro a sair era o Decuãpü arü bugücü, o Waipü. Depois saíram os outros bichos com unhas afiadas que eram os Yare'natügü e por ultimo saiu a dona da festa a TCHÜRÜNE. Ela cantou na frente do povo Ticuna e ensinou as pessoas a como fazer a festa da moça nova, ensinou a como cantar e ensinou tudo que deve ser feito durante a festa da moça nova. Assim os Ticunas aprenderam todos os preparativos sobre a festa da moça nova, ensinados pela mãe da festa, a TCHÜRÜNE. Para ela sair da porta da montanha os pajés baixaram o fogo. A TCHÜRÜNE é um ser sagrado, que vive lá em baixo da montanha juntos com os bichos. Ela ficou lá até chegar uma hora, em que vai renascer e passar a viver com os Ticunas.

Depois disso no outro dia um pajé entrou na debaixo da montanha onde fizeram o fogo na porta para saber se todos os bichos já morreram. Lá dentro encontrou um ser que estava deitado na rede, sem queimaduras e nem poeira na roupa, que falou para ele que seu nome era POÜ e que era o dono da montanha. Este foi o único ser que sobrou na montanha, toda vez que ele se movia também toda a montanha se mexia.

Desde então os mascarados sempre fazem parte do ritual da moça Ticuna, a festa da moça nova, os povos da montanha que matou a sobrinha do Yoi' e massacrou o povo que viajaram para participar da festa da moça nova e foram mortos na montanha pelos povo Ticuna.

A NARRATIVA DE COMO NASCERAM OS ANCESTRAIS

Mapana não gostava muito de Gutapa, ela fugia dele em casa. Um dia ele encontrou ela no meio do caminho da casa chegando da caça. Gutapa não gostou e brigou com ela, pegou a Mapana e a amarrou em um árvore e a deixou lá amarrada. Ela passou a noite lá sofrendo, chupada por carapanã, insetos, forminhas, abelhas. Lá um Coü (cancã) gritou COCOCO, a

Mapana falou para ele desamarrear ela. O Coü apareceu e a desamarrou. Ele falou para ela com esse aqui que você vai se vingar de Gutapa porque ti deixou sofrer aqui no meio do mato. O Coü deu um fonte vital de abelha, e a Mapana se transformou em abelha. No outro dia Gutapa foi caçar, na volta a Mapana transformada em abelha esperava ele nos caminhos. Ele sempre se desviava do caminho onde tinha abelha na frente. Até que um dia o Gutapa se descuidou na volta da caça, e não se desviou de abelha. A Mapana aproveitou e ferrou ele com seu esporão nos dois joelhos, direito e esquerdo, Gutapa voltou gritando de dor para casa. Dias passados os dois joelhos não paravam de inchar. Um dia a filha dele com a primeira mulher olhou nos joelhos do Gutapa e viu. Ela falou para Gutapa “olha pai tem gente se mexendo aí nos seus dois joelhos, é um casal em cada joelho”. Essa gente já fazia, os homens, seu flecha, flecha e zarabatana, as mulheres já terciam redes, cestos e bolsas.

Um dia Gutapa desceu da sua casa e escorregou na escada e bateu os dois joelhos. De lá saíram no joelho direito Yoi' e mowatcha, Ipi e Ai'cüna no joelho esquerdo. Yoi' apareceu com seu Zarabatana ië e Mowatcha com sua pacara, e Ipi com seu Flecha e arco, Ai'cüna com sua bolsa e cesta.

Quando Yoi e Mowacha, Ipi e Ai'cüna apareceram saindo dos joelhos, eles eram crianças ainda. Gutapa caçou muito durante esse período para alimentar essas crianças que saíram dos seus joelhos, essas crianças eram especiais com os poderes extraordinários. Alimentou e cuidou deles durante longo tempo até que eles se tornarem rapazes jovens e moças que cuidam de si mesmo.

Um dia Gutapa não chegou da caça, os filhos ficaram preocupados e pensavam, o nosso pai Gutapa já foi pego pela onça. Com os seus poderes Yoi' fez um vassoura ficar de pé e não apareceu nada. Isso significa que Gutapa não estava perdido na mata. Aí ele tentou com cinza do fogo e apareceu um onça grande. Assim souberem que era onça que comeu seu pai na floresta. Onça pegou Gutapa porque ele estava tirando espinho do pé um espinho em que pisou. A onça aproveitou desse descuido, atacou e comeu ele.

Yoi para saber qual onça que comeu seu pai, pegou um fio de cabelo da sua irmã Mowacha para amarrar a terra e puxar, de modo que a terra ficasse pequena. O fio de cabelo era como uma cerca que tinha uma só porta. Em seguida Yoi' fez um jacaré com o pau balseira e depois o transformou em jacaré de verdade. Era um jacaré enorme, um animal gigantesca que iria ficar bem na porta da cerca em que todos os animais da terra deveriam passar. A terra ficou pequena e com uma só porta! Yoi' chamou todos os animais da terra para passar na boca de jacaré. Era assim que pensava achar a onça que comeu Gutapa. Todos os animais passaram na boca de jacaré e nada de onça que comeu Gutapa. Até que por último apareceu um onça muito grande, cantando e gritando assim: "Gutapa arü Tüe' tüe'". Era essa que comeu Gutapa. Aí Yoi' empurrou esse onça na boca do jacaré e a onça morreu comida pelo jacaré que Yoi' fez. Quando a onça morreu, Yoi' cortou a sua barriga, retirou toda a carne de Gutapa da barriga da onça. Depois Yoi' ajuntou e enterrou na terra a carne do pai. Em seguida Yoi' chutou em cima da terra onde o resto de Gutapa estava enterrado e lá estava Gutapa em pé vivo como ante.

DEPOIS DE GUTAPA SER COMIDO POR ONÇA

Quando Gutapa foi comido por e estrangulado por onça, pedaços da sua carne caia no chão e então um passado CUNITCHAWA – curica pegou alguns carne de Gutapa e fugiu com carne de Gutapa que é pedaços do corpo, esse pássaro curica deu uma volta ao mundo espalhando a carne de Gutapa, onde um pedaço de carne caiu o lugar se tornava uma cidade com população rico e desenvolvido. Com os velhos dizem os lugares onde a carne de Gutapa caíram, nos dia de hoje onde fica os europeus, asiáticos, francês e ingleses.

O TRABALHO – LUA, O PRINCIPIO

O LUA era um homem que nasceu de uma menina Ticuna, e ele tinha uma irmã que era uma moça nova. Nessa época alguns homem sabem como cuidar da sua dente, então o LUA usava uma planta que deixa seu dentes muito bonito e forte, ele é um dos que sabe desse planta (wotcha), um dia era no almoço sem querer o LUA sorriu e a sua irmã viu seu dentes muito bonito, a moça nova ficou muito curiosa e foi atrás querendo saber de onde ele tirou a coisa que deixou seu dentes bonito. E a moça nova pensou de onde ele tirou essa coisa. E no outro dia o

LUA foi para roça, e a sua irmã moça nova a seguiu, o Lua chegando na roça e tirou a planta e mastigou fazendo seu dentes bonito. E a sua irmã viu que tipo de planta era essa. A moça só esperou seu irmão voltar da roça e depois de seu irmão voltar a moça nova colheu a planta e mastigou e assim seu dentes ficaram bonito também assim como o de Lua. Desde quando ela usou a planta do seu irmão a moça nova não fica mais perto do irmão Lua, porque ela ficou com vergonha de ter usado a planta do seu irmão. Os dentes da moça nova não eram mais como ante, os dentes se tornaram bonitos e forte como o de seu irmão. Assim também no almoço ela sorriu na frente de Lua e ele viu os dentes da sua irmã que são muito bonitos, e assim a sua irmã mexeu com seu corpo, e o Lua pendendo a sua cabeça com a força da planta que faz dentes bonitos, o lua se apaixonou pela sua própria irmã.

E assim, sempre chegava de noite para dormir com a irmã moça nova, com força da planta dos dentes. Com os dentes bonitos a moça nova atraiu o Lua como se fosse uma imã. E cada noite isso sempre se repetiu. A te que a moça nova ficou grávida, aí ela se assustou. Durante esse tempo a moça nova não sabia quem era esse homem que dormia com ela de noite. Com a gravidez ela tomou um susto de foi atrás de alguma forma de querer saber quem é esse homem que dormia com ela, e vai ser pai da criança que está esperando. E ela pensou agora vou saber quem é ele. Ela apanhou fruta de jenipapo verde (e') e preparou para pintar a cara do homem que sempre dormia com ela, a moça nova deixou a massa de jenipapo em uma cuia (ngawe), e ela deixou em baixa da rede (napa) onde ela dorme. De noite a moça nova esperou e a noite chegou, la vem o Lua chegou e foi se deitar com a moça nova, sem o lua perceber ela pegou a massa de jenipapo e pintou a cara do Lua. E a cara da Lua ficou todo pintado de jenipapo.

Para tirar a tinta preta de jenipapo o lua pensou em uma possibilidade que a tinta sai da cara rapidamente, então ele se transformou em um pássaro e voou em redor de todo o planeta onde tinha pássaro branco na frente o lua em forma de pássaro ficou esfregando sua cara em cada um dos pássaros branco, os pássaros com qual o lua limpou a cara ficou preto, isso aconteceu em uma noite, assim que o lua viu que a noite já estava chegando o fim ele ficou mais preocupado ainda porque a tinta de jenipapo na cara ainda não saiu totalmente, a cara dele ficou um pouco pintado de jenipapo. Esses pássaros pretos hoje é por causa do lua, e é tinta de jenipapo. Ante de todo isso os pássaros eram todos de penas branco. Continuando com o lua, de fugir de noite voando com vergonha se não querer ser identificado por ninguém o lua chegou em 3 (três) dias. Quando o lua chegou a moça nova viu a cara dele com as marcas de tinta mau

apagado, aí a moça nova descobriu quem era que sempre dormia com ela toda noite ante de tudo da gravidez e sua preocupação.

A moça nova ficou ainda mais preocupado e com a preocupação a moça nova foi para roça triste pensando na sua situação e foi se sentar bem no meio da roça toda entristecido por causa da sua gravidez. Sem ela perceber que estava sentado no meio da roça adormeceu e quando ela anotou o seu corpo se transformou em arvore, isso é como se fosse um sonho mais não era um sonha o seu corpo em forma de arvore. O arvore não parava de crescer e assim a moça nova se transformou em (wotchine' - wone) samaumeira em língua portuguesa.

Cada dia que passa a samaumeira não parava de crescer, não parava de crescer porque a arvore era uma pessoa a moça nova grávida carregando uma criança no ventre, o filho do lua, o espirito da moça ticuna. E a samaumeira (wone) ficou muito grande uma arvore gigantesca e até cobriu o mundo toda.

A CHEGADA DE YOI' E IPI NA SAMAUMEIRA

Yoi' e Ipi chegaram e chamou todos os pássaros que sabem cortar para cortar a samaumeira (a arvore gigante) que era o corpo da moça nova. A arvore cobriu todo o ceu e o ceu ficou todo escuro, e assim não existia dia todo tempo era somente noite.

E começaram a cortar a samaumeira, quando estão cortando sempre voltava no inicio o arvore gigante tinha alguma coisa impedindo a ser cortado, quando Yoi' olhou direito era um sapo gigante que gritava assim: nu'cuma-nu'cuma-nu'cuma, que fazia todo o corte ficar sem corte, ou seja, o corte desaparecer como se fosse ninguém cortado a arvore e também tinha outro sapo que gritava: a'cuma-a'cuma-a'cuma que fazia voltar o corte. Esse sapo já ajudava Yoi'a cortar a samaumeira, então ele matou aquele sapo que gritava a'cuma porque fazia voltar o arvore sem corte. E Yoi' balou a folha da arvore com caroço de ingá do mato e o ceu ficou claro que ilumina a terra, pois a terra estava escura porque a samaumeira cobriu toda a terra.

E do vez de Ipi balou a folha da arvore para clarear a terra e balou com caroço de arvore do mato e deixou a terra ficar mais escuro. Em seguida Yoi' chamou o esquilo Nu'gu, o Yoi'

deu pimenta para o Nu'gu o esquilo para jogar no olho da preguiça real Wõêchii' que cravou sua unha no ceu para encobrir a terra e não deixou a arvore a ser derrubado. E chegou a vez de Duwatcha (pássaro) que não para de cortar a arvore samaumeira, e Yoi' a matou porque queria acabar com o mundo.

Guani ta mãîmãî rû nguêani na tchupatü i ngêma Woêchii', Ipi falou para Yoi', na Naguta' a yima (la está irmão o bicho preguiça real que cravou sua unha no céu que não deixou a arvore cair). E chgou um esquilo Taine e Yoi' deu lhe pimenta quando chegou perto de Wõêchii', e a preguiça perguntou o esquilo, o que você está fazendo aqui ? E Taine respondeu; nada estou aqui procurando comida (Paâtchi nû'ã tchi Dügügü coraca).

De repente sem a preguiça perceber o esquilo Taine jogou pimenta no olho da preguiça real com dor no olho a preguiça soltou a arvore samaumeira e caiu, na caída da arvore, a arvore só triscou no rabo do esquilo, e por isso agora todo os esquilo tem rabo levantado.

Quando a arvore caiu la vai o Ipi correndo na direção a samaumeira caído para escutar o coração da arvore e ouviu alguma coisa se batendo no fundo era o coração da arvore samaumeira, e Ypi gritou para Yoi' irmão aqui está o coração da arvore batendo. Na Nacutá a yima'.

E cortaram a arvore onde está o coração e de repente o coração saiu caindo, e lá apareceu Puwi (cutiarana) pegou o coração da arvore e fugiu o coração da samaumeira, e Yoi' desesperado gritou para cutiarana não comer todo o caroço, o caroço era a coração da samaumeira, o coração parecia um umari, no entanto o cutiarana comeu somente a carne de umari. Como a cutiarana comeu somente a carne não o caroço todo e decidiu palntar no terreno onde era a casa de Yoi'. La cresceu um pé de umari (tetchi').

Depois disso a irma do Yoi' foi picado por uma abelha (matchii') – (ma'ê), isso aconteceu porque Ipi mexeu na parte intima da moça. Nesse tempo não se pode fazer as coisas indevidas porque a terra era sagrado. Tudo o erro tem uma consequência muito grave. Com vergonha daquilo que foi feito pelo Ipi a moça se transformou em uma queixada (ngawu') aí

que abelha picou ela e ela acabou morrendo. Muito preocupado Yoi' levou a moça no cabeça de igarape deitou-se o corpo dela numa rede, e Ipi chegou la onde a moça estava e abalou falando as mortes será recompensadas com a vida. Por causa de Ipi fazer isso que agora quando um Ticuna morrer, morre para sempre. A intenção de Yoi' não era isso, ele estava curando a moça. Colocando a moça na rede no cabeça do igarapé era para fazer uma ritual de cura. A moça estando na rede o Yoi' ia cortar a corda da rede, a moça ia cair mais ela ia levantar e viver de novo. Como Ipi estragou isso o ritual de cura foi interrompido.

O ritual de cura de Yoi' era para futura geração, quando os Ticuna morrer iriam retornar a novamente a vida na terra. A segunda tentativa de Yoi' levou sua irmã morta embaixo de um tucum e deixou-a numa rede e cortar a palha para cair em cima da moça e com isso a moça iria voltar a vida novamente, lá novamente Ipi aparece e puxa a rede onde a moça estava e a palha de tucum não cai em cima da moça, e assim a moça a irmã de Yoi' nunca voltou a vida. Por causa de Ipi estragar o ritual de cura de Yoi' um Ticuna nunca volta a viver de novo quando morrer. Assim hoje em dia se alguém de nós Ticuna morrer é para sempre.

Com falecimento da irmã de Yoi' a outra irmã acabou indo embora de casa toda entristecido com a morte da irmã, ela entrou no mato com a mãe, onde as árvores são muito espinhosos e ela gritou para filha, filha volta para casa onde Yoi' e Ipi estão. Mas tem algo a fazer não fique com o Ipi porque ele é brigalhão, mais pode ficar com o Yoi' "Naũta cu wai ta ya yima Yoyocü ya yoi' rü yiruma ya i'e rü ni duraütchi".

Por causa de Ipi ser brigalhão, a menina voltou e ela chegou na árvore umari, e ficou lá como se fosse fruta de umari. Até chegar no dia em as frutas de umari estão em madurecendo, as frutas começaram a cair, quando todas estão maduras todas frutas caíram menos a menina que ficou lá.

Ipi sabendo que a menina ainda estava lá, ele olhava todos dias em baixo de pé de umari e nada de a moça cair.

Então Yoi' mandou Ipi para buscar algo no porto, isso foi para Yoi' aproveitar de dar uma olhada em baixo de pé de umari. Em quanto Ipi estava no porto Yoi' se aproximou de pé de umari la estava a fruta caída no chão e assim Yoi' pegou a fruta. Quando o Yoi' pegou a fruta, a fruta não era uma fruta de umari era a moça que ficou lá para ficar com Yoi' e não com o Ipi, a moça era uma moça muito bonita e linda que se tornou a mulher de Yoi'. E quando Ipi chegou

em baixo de pé de umari a fruta não estava mais lá no galho de umari e já tinha caído no chão. Nesse momento Yoi' já tinha escondido a moça porque Ipi não era confiável a ficar com a moça. Então o Yoi' escondeu-a do Ipi. Toda vez quando Yoi' foi caçar ele levava a moça.

Um dia yoi' foi caçar e ele deixou a moça em casa mesmo porque ela estava grávida de Yoi, Yoi' preocupado com estado dela ele acabou deixando a moça ficar em casa. A moça ficando em casa dentro de flauta de Yoi'. Quando Yoi' deixou a sua esposa em casa com seus poderes ele transformou ela uma pessoa muito pequena e por isso ele deixou ela dentro de uma flauta.

Ipi ficando em casa com seus instintos negativos ele sentiu a presença de alguma coisa dentro de casa. Angustiado e estressado procurou sem parar o que podia ser que ele sentiu dentro de casa. Ipi procurou, procurou e procurou e nada. E continuou procurando até ele pensou vou fazer umas palhaçada para achar esse ser que está dentro de casa. Com uma palhaçada que ele fez a moça até riu sem aguentar as palhaçadas de Ipi. Quando Ipi ouviu a voz de uma moça rindo das suas palhaçadas ele parou e foi procurar de onde estava vindo, ou seja, de qual parte estava vindo esse voz tão linda. Na sua primeira procura ele o Ipi não encontrou a moça e ele continuou com as palhaçadas até que ela riu de novo aí ele procurou e achou uma flauta que estava escondido dentro das palhas de casa. Ele chacoalhou a flauta e lá estava a moça em pé, com má intenção o Ipi pegou a moça a força e abusou dela.

A moça grávida com corpo delicado ela ficou toda machucada corpo cheio de marcas. Com toda essa situação que estava acontecendo em casa o Yoi' sentiu algo estranho e grave. E ele refletiu alguma coisa de grave aconteceu com a minha esposa ele falando sozinho no seu pensamento. E ele não estava errado no que ele pensou sobre a sua mulher (esposa). Para Yoi' saber algo de errado com poderes ele sentiu, assim como ele sentiu que a sua mulher estava toda destruída pelo seu irmão Ipi, e ela ficou muito machucado, corpo todo enxada.

Assustado com toda a maldade que cometeu e arrependido, Ipi não tinha como esconder o tamanho de crime que cometeu com a mulher do seu irmão Yoi'. Em casa a moça estava quase morrendo, Ipi assustado foi esperar o Yoi' no meio do caminho onde seu irmão foi a caça. Assim que Ipi chegou no meio do caminho da caça, lá Yoi' estava vindo voltando para casa. E Yoi' viu Ipi e perguntou o que está fazendo aqui irmão no meio do caminho, e Ipi respondeu nada estou aqui com meu Ngaure, e Yoi' falou respondendo, nada disso você abusou da minha

mulher em casa. Para Yoi' não perceber nada que aconteceu em casa ante Ipi colocou pó de fogo no seu homem. Mas Yoi' já sabia de tudo o que aconteceu em casa e o que estava acontecendo.

E Yoi' chegando em casa lá estava a sua mulher quase morrendo, assustado ele pegou a moça e com os poderes ele chacoalhou ela para tirar a maldade de Ipi no corpo dela e depois desse ritual de cura de Yoi' a moça ficou curada de tudo abuso que ela sofreu. Tirando a maldade de Ipi, Yoi' jogou nos e'ta a sua maldade. Por isso hoje em dia os pés de e'ta ficaram barrigudas isso era maldade de Ipi.

Depois de tudo essa situação Yoi' mandou seu irmão Ipi subir em um pé de jenipapo, e para subir tem que ser com as pernas para cima, e assim mesmo Ipi conseguiu subir, chegando em cima Ipi gritou para Yoi' já estou aqui em cima irmão. E Yoi' respondeu eu quero que você apanha as frutas mais nada de um fruta cair. Ipi apanhou as frutas não deixando nenhuma cair no chão. Com as frutas na mão o Ipi não conseguiu descer de cima de pé de jenipapo, aí Yoi gritou para Ipi e falou se transforma em um forminha e entra dentro de um fruta de jenipapo e se joga lá de cima. E Ipi fez o que seu irmão mandou e assim ele conseguiu chegar no chão de baixo de pé de jenipapo.

Ipi se jogando para baixo transformado em um formiga, quando caiu de baixo ele não caiu no chão onde o Yoi' estava ele ultrapassou o chão e caiu no outro mundo para baixo. E Yoi' percebendo e vendo que seu irmão Ipi não estava lá perto e fui para no outro mundo, com os poderes ele chutou no chão onde Ipi tinha caído e lá estava seu irmão de pé, e gritou assim estou aqui meu irmão. E Yoi' mandou seu irmão fazer engomar a fruta de jenipapo. E Ipi fazendo engomar o jenipapo ele acabou se engomando junto com jenipapo. A fruta verde de jenipapo se tornou massa, a massa não era qualquer massa era massa de jenipapo misturado de corpo de Ipi. E assim Yoi' mandou a sua mulher jogar a massa de jenipapo no rio igarapé Eware, passou dias e dias se passou, Yoi' fui e olhou onde a sua esposa jogou os restos de jenipapo, quando ele olhou os restos de jenipapo já estão se transformando em peixe que era a massa de misturado com corpo de Ypi. O Yoi' pensou como vai trazer seu irmão de volta ao mundo e pensou ele fez seu anzol e caniço e começou a pescar, primeiro isca que ele usou era o caroço de tucum e quando ele puxava os peixes transformava em animais como queixada, porco do mato e entres outros animais do mato. E nada de se transforma em gente, e Yoi' teve uma ideia e mandou sua mulher cozinhar a macaxeira (DE'TA), depois quando já estava tudo cozinhado ele usou como

isca e começou a pescar de novo, então com esse isca os peixes puxados se transformava em gente. E assim Yoi' pescou seu povo que é os Ticuna (MAGÜTAGÜ - POGÜTAGÜ). Depois de Yoi' pescou seu povo tinha um único peixe que não queria morder a isca era um peixe bonito com testa dourado. Esse peixe era o Ipi irmão de Yoi', Yoi' tentou pescar esse peixe de testa dourado mais nada de peixe morder a isca. Esse dourado na testa de peixe era ouro puro. E então Yoi' deu seu caniço para sua mulher e falou com raiva agora você tenta pescar seu amante. Assim que a mulher de Yoi' pegou o caniço malmente ela colocou o anzol na água de rio Eware o peixe já tinha pulado para morder a isca da mulher de yoi' e ela puxou o peixe e la estava de pé o Ipi. Assim o Ipi chegou lá ele falou para YOI', irmão lá onde fui parar no norte é cheio de ouro e lá que vou construir a minha morada. E assim o Ipi fui pescado pela mulher de Yoi'. Agora disse o Yoi' para Ipi chegou a sua vez de pescar o seu povo, Yoi' pegou seu caniço e deu para seu irmão e Ipi pescou seu povo também. Como Ipi pediu morar no norte mais o seu irmão não deixou porque o Ipi era muito ambicioso e não tinha muito responsabilidade. E vez disso Yoi' ficou com lado norte e Ipi com lado sul.

Ao passar do dia Yoi' olhar onde pescou seu povo lá ele construiu uma cerca e dentro desse cerca que os peixes foram pescado que se transformava em animais no início e depois em gente, nesse dia quando Yoi' fui estava chovendo e ele estranhou que a cerca estava tudo bagunçado e ficou tudo torto. E isso se repetia toda vez quando Yoi' fui olhar a cerca. Aí Yoi' falou para ele mesmo quem será que sempre deixa a cerca todo torto e bagunçado, por que esse cerca não pode ser quebrado pois lá que pesquei meu povo, assim diz Yoi'. Um dia de manhã bem cedo também estava chovendo Yoi' fui de novo olhar a cerca e olhou lá estava uma ave (pato do mato – Pupunari). Nesse tempo os animais falavam com as pessoas, e Yoi' perguntou a ave o que está fazendo aqui?, e a ave respondeu vocês não estão sabendo o que estava acontecendo com vocês, Yoi' falou o que está acontecendo! Pato respondeu eu sei o que está acontecendo tem um ser sobre natural que vocês não estão ouvindo, esse ser grita e canta em nome de vocês, você quer ouvir disse o pato, sim quero disse o Yoi', o pato com poderes tocou nas orelhas e falou ouvi agora Yoi', aí com calmo ele escutou algo gritando e cantando assim: Yoi' ngetanü, Ipi ngetanü, Mowatcha ngetanü, Aicüna ngetanü (matei pai de vocês). Em seguida quando Yoi' escutou isso chamou seu irmão Ipi junto o pato e foram no lugar onde o bicho estava cantando gritando em seus nome. O pato com poderes dele tornou Yoi' e Ipi muito pequenos e assim os levou perto desse bicho, chegando lá o bicho perguntou o pato, o que está

fazendo aqui seu velho pato e pato respondeu nada não apenas estou me esquentando aqui com você, disse o pato. O bicho falou para o pato o que está levando aí com você será Yoi' (metamana Yoi' muga). A chuva já tinha indo embora o bicho olhou um abil muito maduro e falou quero comer esse abil, assim que ele chacoalhava o pé de abil, o abil caiu em sua cabeça, o abil maduro se transformou em abelha (caba-ma'ẽ), abil se transformou em abelha com poder de Yoi'. Muitas abelhas apareceram picando a cabeça do bicho (MATCHII'). O corpo todo foi picado pelas abelhas e o Bicho fugiu e foi se esconder no curral (Tautama'). E assim com ajuda do pato o Yoi' e Ipi conseguiram matar esse bicho que matou a sua irmã. O bicho morto era um bicho muito perigoso o poder dele era matar as pessoas que falavam coisas erradas, ou seja, algo que não se fala para outra pessoa (as palavras cruas).

A Torre

No passar do tempo o Yoi' mandou seu povo construir uma torre que alcançou o céu. Quando a torre ficou muito alta, Yoi' mandou os trabalhadores da torre cuidar sem a sua fiscalização ou acompanhamento. Sem Yoi' por perto os trabalhadores não obedeceram o Yoi' e a torre ficou tudo bagunçada. Quando Yoi' viu isso ele não gostou e acabou derrubando a torre. A função da torre era organizar o povo Ticuna em grupos. Mas isso não foi possível por causa dos trabalhadores. Quando a torre foi derrubada aí que o povo Ticuna se espalhou por toda a região do planeta. Aqueles indígenas que foram vistos e pesquisados pelos pesquisadores em toda parte do mundo no princípio eram povo que pertencia a única povo étnica que é Ticuna. Com a derrubada das torres o povo Ticuna ficou espalhado por toda parte do planeta, quando se espalhou cada povo falava em diferentes línguas dependendo da sua localidade de cada grupo.

REUNIÃO DE YOI' (PÃO DA VIDA)

Yoi' chamou todos o povo Ticuna e o povo chegou no local, o povo entrou em acordo com ele e os Ticuna indicaram um capitão líder (cacique), no outro dia YOI'deu um pão de tamanho uma pessoa para o líder escolhido e Yoi' falou para ele esse pão é para você compartilhar com o seu povo em casa. E o líder cacique Ticuna voltou com o pão para compartilhar com seu povo, ele chegou na metade do caminho um homem chamou ele e ofereceu um saco de feijão em troca do seu pão. O homem falou para líder Ticuna esse pão não vai alimentar todo o seu povo mais esse saco de feijão sim e o Ticuna trocou o seu pão por um saco de feijão. Assim o povo Ticuna perdeu seu riqueza que o Yoi' tinha dado o seu Líder. Dentro do pão que o líder Ticuna estava levando tinha muita riqueza, lá tinha ouro, conhecimento e sabedoria. A riqueza que uma nação precisa para viver em harmonia com seu povo.

DISTRIBUIÇÃO DO CLÃ DE YOI'

Em certo dia Yo'i chamou tudo mundo e convocou todo o povo, ante disso ele tinha matado um animal jacarerana (ngiri) e fez uma caldeirada com esse animal (sopa grande). Depois de caldeirada ficou pronto Yo'i chamou todos em fila e chamou um por um a provar o caldo de animal jacarerana. E um por cada foi provando o caldo e Yo'i dizendo o que gosto esse caldo tem aí a pessoa fala se tem gosto de mutum então a pessoa vai ser do clã de mutum e assim até o ultimo pessoa da fila. E assim Yo'i organizou o povo Ticuna por clã, no entando isso é para saber com quem cada um deve se casar, quem tem nação de pena não pode casar com nação de pena e pode casar com sem-pena.

ORIGEM DO PAJÉ

A história de pajé, tempo depois de Yo'i, um dia nasceram entre povo Ticuna dois meninos estranhos, por serem estranhos outras crianças se afastaram deles dos meninos estranhos, cada dia que passa e mês, e anos essas crianças ficam de aparência muito estranhas por causa de suas diferenças as pessoas do povoados acabam adiando eles. Esses meninos são um casal, uma menina e outro menino. Quando os dois ficaram mais grande, um dia no terreno perto do povoado apareceu uma fruta parecido com uma fruta abil na frente desses meninos e eles partiram esse fruta no meio e comeram a fruta. A fruta que os meninos comeram era uma fruta sagrada, aquele que comeu um lado direito ganhou poderes de cura e outro que comeu de lado esquerdo ganhou poderes de matar pessoas.

No passar do tempo, as pessoas desapareciam quando foram pescar ou for para roça, e cada dia que passa desapareciam mais pessoas ainda.

Até que um dia um homem que perdeu os seus ante queridos fui a procura onde que as pessoas sempre desapareciam, o homem fui atrás até encontrar e até que um dia o homem corajoso achou o lugar onde era casa dos mostro. E o homem viu que esses mostro que pegam as pessoas e matam para comer era os dois meninos odiados pelas pessoas no povoados. O homem viu que a mulher era muito mais pior do que o homem, ela jogava linha de anzol e a linha de anzol transformava em cobra e quando é puxado já era uma pessoa vindo como se fosse peixe. E assim a mulher se alimentava de carne de pessoas. E aqueles pessoas que estão feridos o outro que era homem curava e mandava embora. As vezes quando a mulher estava vendo que o homem estava curando as pessoas, a mulher ficava com raiva e puxava a pessoas e matava. E assim era o origem dos pajés.

Todos esses narrativas são contadas em língua Ticuna, com todo esforço e dedicação traduzir para língua portuguesa durante as entrevistas realizadas. As conversas e entrevistas não aconteciam frequentemente, aconteciam mais ou menos uma vez por semana. As vezes o seu Pedro estava ocupado e cansado e não dava para ele conversar tranquilo, sempre falava tudo

bem e não se preocupe no outro momento conversamos melhor, e assim era a realização do presente trabalho.

CAPÍTULO 5: A FESTA DA MOÇA NOVA COMO PROCESSO RITUAL

A festa da Moça-Nova, ritual de passagem da jovem Ticuna quando chega na primeira menstruação, já se inicia desde o nascimento de uma criança de sexo feminino, até chegar no dia em que a menina se torna moça. Aí então os pais e parentes preparam a sua festa, que é chamada “festa da Moça-Nova” ou também “festa de pelação”. Esta é uma cerimônia muito sagrado que os Ticunas fazem. A festa já veio desde princípio do mundo, depois que Deus Yo’i e Ipi pescou o seu povo no lugar chamado “Eware”.

Na ciência dos brancos, como fala o autor Lévi-Strauss, 1960, o ritual tem como finalidade construir uma relação entre natureza e cultura. O estudo da prática do ritual de passagem da moça Ticuna não precisaria de uma explicação mais detalhada. Nos dias atuais o povo Tikuna conhece outras razões e sabem as razões pelas quais pintam corpo com jenipapo no período em que fazem a festa da moça nova. Estou querendo dizer que a ciência não indígena,

que é dos brancos, pretende explicar mas não dialoga com a natureza, e não faz um profundo mergulho internamente a essas motivações do ritual. A afirmação de que a ciência dos brancos opera através de conceitos e o saber indígena através de signos justifica essa diferença de objetivos. Mas quando se quer mergulhar, como estou tentando fazer, buscando como indígena as razões da ação humana através de um ritual, a realidade que se vê e entender é outra. Há muitos mistérios que podem (ou não) ser decifrados, tudo vai depender de uma relação de proximidade com os pesquisados e da densidade dos estudos etnográficos.

Quem são os Ticuna? A resposta depende de cada localidade onde estão os Ticunas, seja se ficam aldeados mais próximo a cidade ou se vivem nos igarapés e nas ilhas do rio Solimões. Alguns vão responder que os Ticuna são os que usam roupa, que frequentam as igrejas, que estudam nas universidades e cidade, que falam o português (alguns nem falam mais a sua língua). Ao contrário, outros vão responder que os Ticunas são os que pintam seu corpo com jenipapo, caçam, vivem de coleta de frutas e praticam danças tradicionais quando fazem a festa da moça nova. Muitos brancos vão dizer que os Ticunas não são mais indígenas porque usam roupas, se misturam com os brancos e são urbanizados.

Essas diferentes respostas fazem parte da realidade do povo Ticuna e tem muito a ver com o preconceitos que o povo sofre nos dias atuais. A festa da moça nova, da qual todos podem participar, nos traz uma série de conceitos e signos que podem reunir todas aquelas diferentes respostas.

Como um ritual de iniciação, o significado da cerimônia é a passagem da vida de adolescente para uma vida adulta, recebendo orientação dos pais e dos parentes, de como a moça deve se comportar e o que deve aprender para toda a sua vida, de maneira depois a construir sua própria família. Durante a festa, a Moça-Nova recebe o espírito da vida que o pajé vai colocar nela, onde receberá força e resistência para muitos anos de vida.

O pajé é um ser guardião que, em cada comunidade Indígena Ticuna, circula e faz mediação entre os vivos e o mundo espiritual. A sua função é proteger as pessoas da comunidade dos seres espirituais malignos que rondam ao redor delas e para isso ele tem conhecimento de toda a origem do povo Ticuna, de todos os seus seres protetores e malignos, bem como das

formas de cura tradicionais. Quando alguém do povo adoecer o pajé entra em ação para curar a pessoa doente e realiza todo o processo de cura entrando no mundo espiritual.

A cerimônia de moça nova Ticuna, como um rito de passagem, tem muito em comum com o que o autor Victor Turner aborda no seu texto “*Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*” (1967) 2005, na parte relativa ao ritual de iniciação daquele povo, onde a menina é preparada para o casamento e a sua futura vida social (como mulher, e não mais como menina). O ritual é um processo sequencial, em cada passo ocorre um momento único, muito significativo e sagrado. Os ensinamentos dos mais velhos, mas também as reações da jovem e o comportamento e a percepção de todos que participam do ritual, essas são questões de extrema importante e que nos fazem ficar ainda mais curiosos e interessados na etnografia do ritual Ticuna.

Compreender o processo de um ritual de passagem da moça nova Ticuna é muito mais do que explicar essa cerimônia através de conceitos, como Lévi-Strauss coloca. Os signos e os conceitos aparecem durante o processo ritual de passagem da moça nova Ticuna, em meio as narrativas, músicas, atos, crenças e prescrições que a moça segue durante a passagem de ritual.

DESVENDANDO ALGUNS SIGNIFICADOS

Antigamente a preparação da festa durava um ano, o necessário para a família da moça plantar roças especialmente para isso, estocar alimentos e preparar as bebidas. Nos dias atuais isso dura muito menos tempo, as vezes um mês ou uma semana. Nesse intervalo a família tem que fazer os convites, mobilizar os padrinhos, preparar as buzinas de tabocas, o casco de tracajá, os tamborins, bem como organizar os grupos de cantores e de batedores de tambores que devem se apresentar em forma de roda. Assim a menina quando chega a sua primeira menstruação, ela é guardado até preparar a sua festa, que pode ser o tempo mais curto ou longo, depende do tempo da sua preparação para acontecer à festa.

Durante a festa a bebida preparado é pajauaru, que é uma bebida fermentada feita de macaxeira, que os participantes da festa consomem durante todo o ritual. Também todas as pessoas que vão participar da festa devem pintar sua face com sumo de jenipapo, cada um de

acordo com seu clã. Se as pessoas que participam da festa não pintarem as suas faces, algo de mal pode ocorrer com elas, mais tarde essas pessoas podem ficar doente e mesmo morrer subitamente. Por isso, nós Ticunas que participamos do ritual temos que obedecer as regras cerimoniais.

A história da festa da moça-nova começa com a história do Yói e Ipi eles tiveram duas irmãs, Mowatcha e Aicüna. Essas personagens nasceram do joelho de seu pai Ngutapa. Mais tarde um de sua irmã teve filha sem pai, e quando cresceu fizeram a festa da sua primeira menstruação, que foi chamado da “festa da moça-nova”. Aí colocaram no curral, para ser guardada e depois fazer a sua festa. Quando chega a metade da festa, a moça sai do curral sem permissão dos guardiões os pajés para ver as máscaras que eram animais muito monstruosos e se assustou e subiu numa arvore. Aí com medo ela se mijou, os bichos viram a moça e mataramna, foram partir sua barriga no lugar chamada “EWARE”. Depois disso a água ficou ensanguentada e local ficou muito perigoso, e por isso hoje ninguém pode chegar até lá.

A festa é as pessoas atuais poderem participar daqueles fatos de antigamente, para eles irem até a eternidade, que é o lugar encantado do Eware. Nesse ritual pode ser até que as pessoas que já fossem bem velhinhas ficassem mais novas, assim os guardiões e guardiãs contam a história.

A festa da Moça-Nova para povo Ticuna é ida para lugar encantada onde não existe maldade, um lugar sagrada onde as pessoas podem vivem eternamente. Por isso a moça é guardada para que ninguém das pessoas atuais, que já estão carregadas de maldade, a possam ver. Durante a preparação do ritual ela é uma jovem pura, que não deve ser vista por ninguém ante do término do ritual. Durante o tempo de preparação a moça sempre recebe a orientação dos pais e ancião do povo, eles que dizem quais medidas pode ser tomada para não ocorrer algo ruim com a moça durante a festa em preparação.

Para o povo Ticuna o ritual de passagem da moça é de suma importância porque se essa pratica acabar é o mesmo que acabar com o povo Ticuna. Como o autor Clifford Geertz aborda no seu texto “A interpretação das culturas”, onde coloca que a cultura é uma teia de significações tecida pelo próprio homem. O trabalho do antropólogo é dar conta dessa construção, sendo a antropologia uma ciência interpretativa que busca o significado.

A festa da moça nova é um ritual que, para os Ticunas, tem profundas significações até os dias atuais. Nela está todo o conhecimento do povo, onde somente os Ticunas tem a prática e o uso dessa ciência. O ritual é uma teia de significações tecida pelos antigos ancestrais Ticuna e pelos seus seres protetores imortais (Yóí, Ipi e muitos outros). Em cada comunidade Ticuna os anciões orientam todos os jovens porque essa prática ritual tem que ser mantida. Todos os jovens são convocados em certa ocasião e é aí que este conhecimento é transmitido a eles, momento em que o ancião conta toda a história do surgimento do povo e da festa da moça nova. Essa transmissão dura horas e até dias, fazendo parte dos preparativos da festa e criando um círculo de comunicação espiritual.

A FALA DOS GUARDIÕES

Se os pais das crianças e jovens não falarem sobre a importância da cultura tradicional eles não vão saber. A convocação das crianças e jovens significa valorizar a cultura tradicional dos antepassados e manter viva essa prática de ritual de passagem da jovem moça, porque os jovens tem que saber o significado dessa prática.

“Se os jovens e adultos não saberem mais o que é a festa da Moça-Nova, não saberem mais para que serve, se não praticarem essa festa (ritual da festa da moça nova) estão perdendo a sua identidade cultural.

Essa cultura é uma cultura milenar que os nossos antepassados deixaram para nós. A cultura tradicional tem uma grande importância, porque ali está memória do nosso povo Ticuna, e marca que realmente você tem um conhecimento que vai servir para toda geração futura”.
(Pedro Hermenegildo Joaquim)

Os mais velhos da comunidade guardam a cultura tradicional na memória para depois doar para os jovens, a festa da moça nova para eles é ritual muito sagrado que não pode acabar ali está a sua memória a sua vida e dos antepassados. Quando se realiza uma festa, é sinal que vai ter muita fartura de peixes, caças, plantas que vão dar muitas frutas. Toda comunidade vai se alimentar bem e sim vão ter muita saúde e as famílias vão viver muito bem.

“De acordo com a experiência a preocupação de preservar o ritual da moça nova, assim como outras modalidades culturais que conhecemos na nossa cultura tradicional. A maior

preocupação que temos hoje, é que os mais novos tem que saber mais do significado do ritual da moça nova. E dessa forma sempre quero orientar e incentivar para não deixar morrer a nossa tradição”. (Pedro Hermenegildo Joaquim)

Nos dias atuais no processo de preparação do ritual foram os professores, lideranças, as pessoas que sabem a processo do ritual de passagem da moça (guardiões e anciões). “A cada vez que ajuntávamos para fazer o trabalho, sempre cantávamos música da cultura, cantada pela senhora Robertina Mariano”.

Nas comunidades Ticuna as palestras eram dadas pelas lideranças, professores, pajés (ancião e anciã – os guardiões) e as pessoas que sabem a história real sobre a cultura tradicional do povo Ticuna. E quem contava a história era a já falecida Dona Robertina e Pedro Joaquim, que detem os conhecimentos tradicionais como eram desde o princípio. O canto da moça-nova se refere ao comportamento de como vai agir depois na sua vida adulta.

Todos os filhos do povo Ticuna recebem o fechamento do corpo pelo pajé para não pegar doenças, porque as crianças sempre pegam espíritos do mal que andam na floresta e que se encarnam em animais. Durante a cerimônia da moça-nova as crianças e adultos recebem a força da espiritualidade. A pintura com jenipapo também significa defesa do corpo face aos espíritos malévolos, ai à criança não pega mais doença. No último dia da festa a moça joga um tição de fogo no tronco do taperebá posto pelo pajé. Tem que acertar na primeira jogada do tição, se ela acertar na segunda ou na terceira não vai ter longa vida, ela pode adoecer mais rápido.

O que se pode destacar é que a festa da moça nova que acontece em todos povo Ticuna hoje em dia tem a importância muito grande e tem relação com os direitos territoriais, reconhecimento da identidade tradicional dentro da comunidade nacional. Nas comunidade Indígena Ticuna no Alto Solimões precisa-se de reconhecimento dessa ritual porque é um ciência antiga que exige muito estudo e trabalho etnográfico, uma linha de conhecimento que colabora com a teoria antropológica e outros ciências que estudam a questão social.

CAPÍTULO 6: A SITUAÇÃO HISTÓRICA ATUAL DOS TIKUNA

As comunidades Tikuna no Alto Solimões estão sendo ameaçados de morte pelos invasores na sua terras, onde sofrem ameaças de perder suas terras, assim como a organização social indígena existente e todo o espaço político que têm na sociedade para garantir uma cidadania que reconheça o seu modo de vida e a sua cultura. Isso tem que ser reconhecido porque cada indivíduo tem direito a um reconhecimento na sua cultura e direitos territoriais entre a sociedade que vive. Os Tikuna apostam nesta causa, de manter a sua tradição cultural a pratica de ritual, porque é assim que eles vivem e assim que eles são.

O objetivo atual dos Tikunas é proteger a floresta, a fauna a flora que existem dentro da área no Alto Solimões, onde o povo Tikuna estão agrupados em comunidades, que buscam preservar as madeiras, caças e as ervas que servem como medicina tradicional. O pensamento é que no futuro outras gerações vão precisar de todos os bens da floresta, porque a vida mais saudável dos povos é vida no meio do ambiente natural, é respirar no ambiente cheio de vida. Para isso pode se pensar na conscientização das comunidades do povo Tikuna no Alto Solimões e principalmente os adultos mostrar para os jovens que mantem o espírito de lutas para defender a sua área e lutar pelo direito de cidadãos.

Primeiramente vou destacar a seguinte questão: *o que é ser índio?* Segundo a discussão de Maria Rosário de Carvalho e Ugo Maio Andrade 2014, “ÍNDIO: aquele que é originário de um grupo indígena e é por este reconhecido como membro.” (p. 215). E em Manuela Carneiro da Cunha 1987 se coloca a questão no critério antropológico somente a comunidade indígena pode decidir quem é e que não é seu membro.

No entanto, no ponto de vista indígena *ser indígena* é ter respeito às riquezas da natureza, tratar uma árvore como parte do corpo, tratar animais como seus irmãos, tratar a floresta como a sua mãe, tratar os igarapés como a sua vida, assim é a definição de indígena na visão indígena. Os Ticuna tem nessa definição a sua ligação com a natureza, o respeito a riqueza da floresta é muito grande. Por isso essa pratica de ritual da moça nova é mantido porque tem a ver com a vida e tem a sua ligação com a vida da natureza muito grande.

De acordo com Guillermo Bonfil, a língua é um fator importante de pertencimento e de identidade cultural. Assim o critério linguístico é importante para a inclusão dos falantes na categoria “índio”. O povo Ticuna tem a sua língua, que é bastante falada por quase todos os Ticunas. Do ponto de vista social a língua é importante para classificar uma pessoa com Ticuna. Alguns nos dias atuais perdem essa língua, o motivo é que a família desses parentes vivem bem próximo da cidade, se misturam com os brancos e só falam o português. Então os filhos dessa família acabam perdendo a língua Ticuna. Para os que moram mais distantes das cidades, ao contrário, essa língua é mantida fortemente e é a sua referência única, vindo a aprender o português somente nas escolas.

Atualmente várias dessas comunidades sofrem ameaças de madeireiros e outros grupos que querem tirar algum proveito de exploração ilegal de recursos florestais. Por isso o povo indígena Ticuna no Alto Solimões busca se concentrar em relação à ação desses indivíduos que podem fazer mal as comunidades indígenas. Porque nas áreas onde estão concentrados os maiores grupos indígenas muitos exploradores estão de olho para querer invadir e explorar a área. E então quando se fala em direitos estamos falando de respeito, respeito aos indígenas, a terra, ao meio ambiente onde se encontram as diversidades naturais, a biodiversidade tem que ser lembrada, valorizada e preservada para não sofrer danos ou impacto humanos.

Hoje em dia, os meios econômicos das comunidades indígenas Ticuna são a agricultura, a pesca, caça, a colheita das frutas nativas e a fabricação de artesanatos. As comunidades indígenas no Alto Solimões se comunicam para realizar um trabalho social por meio do ajuri e todos se ajudam e cooperam.

Por isso é muito importante preservar as terras indígenas porque tem várias vidas em jogo, invadir essas terras significa acabar com a vida natural e a forma natural de sobrevivência desse povo.

E preservar significa manter a tradição, continuar vivo e continuar a riqueza dos territórios onde possuem ainda a rica floresta que tem mata verde com suas riquezas naturais e com variedade de animais dentro, que estão fazendo os grupos indígenas sobreviver no seu meio natural de vida, onde eles têm muito respeito a essa forma natural de vida, forma que preserva o meio e ao mesmo tempo respeitando tudo que está em seus arredores. Com isso os indígenas Ticuna podem manter a tradição de origem, a própria forma de sobrevivência que não afeta e não faz danos ao meio ambiente natural, no território verde que ainda a regiões brasileiras possuem.

Os regulamentos e regimentos do SPI e da FUNAI estiveram voltados para o exercício de uma tutela sobre a vida e os processos econômicos envolvendo os indígenas. As iniciativas do SPI e da FUNAI implicaram em uma intervenção em muitos aspectos da vida e da cultura indígena. O objetivo era impedir conflitos com os brancos enquanto paralelamente o SPI e a FUNAI introduziam inovações culturais, promovendo inclusive mudanças nos próprios locais de habitação dos indígenas. O trabalho indigenista não deveria de forma nenhuma interferir na forma tradicional de organização dos grupos nem em suas práticas culturais ancestrais. O respeito ao modo de vida dos indígenas implicava na garantia de posse do território.

A Fundação Nacional do Índio – FUNAI - é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Criada por meio da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério da Justiça, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil. Para as comunidades indígenas que tem suas terras demarcadas é dever da FUNAI monitorar e fiscalizar as terras indígenas.

No Alto Solimões a FUNAI funciona assim; tem base instalado próximo a comunidades indígenas Ticuna, tem funcionários que trabalham na base que são indígenas Ticuna que são da comunidade indígena, esses funcionários são carregados na orientação e fiscalização nas própria comunidades e aldeias. Mesmo com a fiscalização dos funcionários indígenas da FUNAI os territórios indígenas sofrem com invasão dos madeireiros, caçadores e pescadores de muitas origens. Esses grupos ameaçam os indígenas, entra no território e tiram madeira, pescam e caçam, acabando com a fauna e a flora e promovendo o desmatamento inclusive de de áreas demarcadas.

Dentro de algumas das comunidades indígenas Ticuna em alguma situação a FUNAI orienta sobre o uso de bebidas alcoólicas e sua venda na comunidade, a orientação é dizer que não é permitido o uso e venda dessas bebidas alcoólicas porque é proibido.

A atuação da FUNAI está orientada por diversos princípios, dentre os quais se destaca o reconhecimento da organização social, costumes, línguas, crenças e tradições dos povos indígenas, buscando o alcance da plena autonomia e autodeterminação dos povos indígenas no Brasil. No entanto no Alto Solimões essa atuação da FUNAI como já tem indígenas funcionários dessa instituição a questão de valorização da cultura tradicional fica fortalecido fortemente, a

prática de ritual sempre vai acontecer porque com a orientação as comunidades Ticuna estão cientes da importância dessa prática na cultura tradicional do povo.

Também foi analisado o texto “*Práticas territoriais indígenas entre a flexibilidade e a fixação*” (Michael Kent, 2011), que tem em discussão a reivindicação de territórios, relação com habitat, comunidade ribeirinha e sua forma de organização. Michel Kent aborda a questão da reivindicação de territórios em relação com habitat. Isso é muito importante porque hoje algumas comunidades indígenas estão lutando por suas terras para não perdê-las.

Para concluir, observo que não basta ter uma postura “ética” para pensar em certas dimensões das políticas públicas frente a diversos segmentos da sociedade suscetível, apesar de longos e consideráveis progressos em campo de conhecimento. A trajetória do “indigenismo” no Brasil permite refletir sobre alguns obstáculos à inovação intelectual do campo de relações entre saberes de estado e disciplinas universitárias. Dar seguimento a essa trajetória de maneira mais profunda também permite observar certos elementos de antropologia social moderna no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de desenvolver meu conhecimento com essa temática sobre os mascarados – os guardiões da floresta, estando no **PPGAS - Campus universitário/UFAM**, adquirindo conhecimento e também doando o meu conhecimento, é um bom campo de experiências em que posso desenvolver meu conhecimento no sentido de colaborar com o povo Ticuna, com a Universidade, a sociedade em geral e com a antropologia.

Em alguns momentos abordei questão territorial, porque no Alto Solimões as aldeias Ticuna sofrem esse tipo de ameaça e preconceito, por isso não deixei de colocar essa questão e falar do trabalho dos funcionários indígenas Ticuna da FUNAI. Mais o que quero trabalhar na dissertação é focalizado nos mascarados, personagem que surge no ritual da moça Ticuna, o rito de passagem da moça Ticuna.

O meu objetivo é fazer isso aprendendo com os mais velhos, como busquei fazer nesse texto em andamento no PPGAS-UFAM através de encontros e entrevistas com Pedro Hermenegildo Joaquim. Estou continuando a coletar mais informações que estão faltando a esse trabalho etnográfico através de entrevistas e do convívio com outros que organizam o processo ritual da festa da moça nova, abordando este fato social por meio de histórias de vida e trajetórias de alguns de seus narradores concretos. Estou encontrando muitas dificuldades nessa caminhada de buscar mais informações sobre a temática ritual da moça nova.

Em uma etapa futura pretendo também comparar este material etnográfico com muitos outros estudos e relatos sobre as formas de organização e a tradição cultural dos Ticunas abordadas por etnógrafos não indígenas.

O entendimento do processo ritual e a metodologia para analisar a sua cultura não pode estar afastado do estudo do território e das mobilizações indígenas, do processo de organização e de desenvolvimento de conhecimento indígena, das formas como os indígenas sofreram e buscaram a garantia de seus direitos e a valorização de sua cultura. A cultura indígena está no meio de tudo isso, recebe disso as suas motivações e significados, e será claramente afetado pela invasão nas terras indígenas ou por políticas discriminatórias e tutelares. Um tal estudo também não pode estar afastado da história concreta de narradores, famílias e comunidades.

Como este trabalho de pesquisa em andamento estou cada vez crescendo mais no modo de pensar sobre a vida nativa e é muito importante na formação acadêmica na área de antropologia, queria destacar que muito me ajudou muito na elaboração do trabalho, a colaboração e orientação dos meus pais e familiares, bem do meu orientador, prof. João Pacheco de Oliveira, que aceitou ser o responsável pela minha orientação. Estou muito grato das suas explicações e esclarecimentos durante o tempo que conversamos pessoalmente, aprendi muito

com ele. Em relação ao objeto do trabalho foi muito importante para mim estudar uma temática que tem relação com o ritual central do povo Ticuna, povo de que faço parte. Para mim é muito gratificante de fazer este trabalho colaborando com meu povo e comunidade acadêmica. E este texto é fase inicial do meu trabalho e contribuição com o curso no programa de pós-graduação em Antropologia Social.

Proposta de pesquisa para doutorado

A IMPORTANCIA DOS OBJETOS QUE ESTÃO NO MUSEU MAGÛTA



O museu Magüta é um museu do povo Ticuna localizado na cidade de Benjamin Constant, Amazonas – Brasil, representa luta dos antigos líderes do povo Ticuna, no princípio era chamado de centro magüta, pois onde são elaborados os documentos que as lideranças estão pedindo para demarcar as terras Ticuna, e mais a diante depois de conquista de demarcação de terras.

As lideranças pediu a elaboração de documentos para ensino na escola dos povo ticuna, o ensino educacional de cada comunidade Ticuna e saúde também. Então o museu era um departamento de elaboração de documentos importantes e lugar de atendimentos da população indígenas Ticuna. Os reuniões aconteciam lá com demais objetivos. Objetivos de resolver os problemas nas comunidades.

Nos dias hoje o museu Magüta tem trabalho diferentes de defender o povo Ticuna, com o direção e membros, o atual diretor do Museu Magüta: Santo Cruz Mariano Clemente, junto com seu membros que apoio, com apoio do professor Dr. João Pacheco, o museu Magüta tem visão grande, de manter o ritual Ticuna sempre vivo, “a festa da moça nova’ ‘WORECÛTCHIGA’ em nossa língua. E outros ritual também. Então no museu Magüta estão armazenadas várias peças e materiais importantes de ritual. Então com este trabalho em elaboração vou colocar a importância desses peças de ritual que estão museu e a importância do próprio museu também. Por que que este trabalho me importa, pois essas peças e materiais são sagradas. Fazem parte da origem do povo Ticuna, como pesquisador e colaborador do povo que faço parte é uma honra fazer este trabalho, dar o valor nas luta dos guerreiros antigos que sempre estão em espíritos e também os que estão vivos.



Imagem da moça, uma boneca armazenada no museu Magüta que representa a Moça Nova do povo tikuna, uma peça e material importante tem vários significados para o povo. A imagem representa vida longa, identidade cultural e direito.



Os mascarados, essas matérias são materiais usadas no ritual da moça nova, estão museu magüta. Esses objetos tem vários significados para o povo tikuna. No doutorado pretendo muito trabalhar com essas matérias.



Matérias de caça do povo Tikuna, esses objetos são muito importante para os Tikuna pois la estão o conhecimento dos anciãos Tikuna, por isso gostaria muito de trabalhar com essas matérias que estão no museu Magüta em Benjamin Constant.



Objetos de pesca, são materiais muito importante para o povo Tikuna. Com essas peças os Tikunas estão alimentando o seu povo. Pescando com esses objetos os Tikuna pegam muitos peixes para alimentar as familiares.



Este objetos é o Tamburim, este objeto é muito importante no ritual da moça nova e tem vários significados. Ele é tocado somente pelo pajé ou escolhido pelo pajé.



Esta é balde Tikuna feito de barro. Nela é colocado a bebida natural do povo Tikuna, como Paijuaru, caichuma, caldo de cana e entre outros bebidas típica dos Tikuna.



Artesanatos Tikuna. Essas matérias são muito importante para o povo Tikuna pois tem vários utilidades.

Pois esse é a minha proposta para seguir o meu estudo, quero muito seguir o trabalho, mostrando a importância desses objetos que estão no Museu Magüta e falar porque que são objetos importantes para o povo Tikuna, qual os significados. Esse trabalho gostaria muito de desenvolver no doutorado.

REFERÊNCIAS

- CLEMENTE, Santo Cruz Mariano
- INÁCIO, Madalena Mariano
- CLEMENTE, Leonílio
- MANOEL, Dona Robertina Mariano
- JOAQUIM, Pedro

Convenção nº 169 sobre povos indígenas e tribais e Resolução referente à ação da OIT- Organização Internacional do Trabalho. – Brasília: OIT, 2011.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? In: Fany Ricardo. (Org.). **Terras Indígenas & Unidades de Conservação da Natureza**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004. p. 37-41.

GEERTZ, Clifford. (1973) 2008. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC.

KENT, Michael. Práticas territoriais indígenas entre a flexibilidade e a fixação. **Mana** 17(3): 549-582, 2011.

Lévi-Strauss, Claude. **LÉVI-STRAUSS, Claude. (1962) 2004. O pensamento selvagem.**

Campinas: Papyrus. LIMA, Antonio Carlos de Souza. “Sobre indigenismo, autoritarismo e nacionalidade: considerações sobre a constituição de discurso e da prática da *Proteção Fraternal do Brasil*”. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de, ed. **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro/São Paulo; EdUFRJ/Marco Zero, 1987.

_____. **Um Grande Cerco de Paz**. Poder Tutelar, Indianidade e Formação do Estado no Brasil. Petrópolis: Vozes. 1995. 335 pp.

_____. “A 'Identificação' como categoria histórica”. In: OLIVEIRA, João Pacheco de.

Indigenismo e territorialização: Poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

Lima, Antonio Carlos de Souza; Barreto Filho, Henyo Trindade. *Antropologia e Identificação: os antropólogos e a definição de terras indígenas no Brasil, 1977-2002*. RJ. Contra Capa Livraria/LACED/CNPq/FAPERJ/NEB, 2005.

MAGALHÃES, Edvard Dias. (Org.) *Legislação indigenista brasileira e normas correlatas*. 2 ed. Brasília: FUNAI/CGDOC, 2003.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **O Nosso Governo: Os Ticuna e o Regime Tutelar**.

São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1988.

OLIVEIRA, João Pacheco de. "Uma etnologia dos 'índios misturados'? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais". **Mana**. 4(1):47-77, 1998a.

_____. "Apresentação". In: OLIVEIRA, João Pacheco de. **Indigenismo e territorialização: Poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998b, pp.7-14.

_____. (org.). **Indigenismo e territorialização**. Poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Contracapa, 1998b.

Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa / org., Livio Sansone e Cláudio Alves Furtado

TURNER, Victor. (1967) 2005. Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense